

CENTRO UNIVERSITÁRIO CATÓLICO DE VITÓRIA

NAYARA FERREIRA SCHIAVON

**GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA NO CONTIDIANO ESCOLAR
NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA DA REDE
PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE CARIACICA-ES**

VITÓRIA

2017

NAYARA FERREIRA SCHIAVON

**GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA NO CONTIDIANO ESCOLAR
NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA DA REDE
PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE CARIACICA-ES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário Católico de Vitória, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

Orientadora: Prof.Ms. Maria Celeste Rocha

VITÓRIA

2017

NAYARA FERREIRA SCHIAVON

**GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA NO CONTIDIANO ESCOLAR
NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA DA REDE
PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE CARIACICA-ES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário Católico de Vitória, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

Aprovado em _____ de _____ de _____, por:

Prof. . Ms. Maria Celeste Rocha- Orientador

Prof.Nilton Poletto, UCV

Prof.Thiago Machado, UCV

Dedico essa pesquisa para minha família, meu bem maior.

AGRADECIMENTOS

Quero Agradecer em primeiro lugar a Deus por ter me dado sabedoria e força para que não desistisse ao longo desse processo de formação. No qual se encerra mais um ciclo, talvez o mais importante até hoje. Foram três anos e meio de muito aprendizado, amizades, risos, e crescimento tanto pessoal quanto profissional. Pensei que nunca diria isso, mas irei sentir saudades de cada momento ao longo desse processo.

Agradeço meus pais, pois sem eles não seria ninguém.

Agradeço também as minhas amigas da faculdade, que dividiram dramas e alegrias comigo que sem dúvidas irei levar comigo para a vida toda, Layana Zoppi e Lucimara Rodrigues.

À minha orientadora Maria Celeste Rocha, que me acolheu e aceitou o desafio de me ajudar a cumprir essa importante tarefa da minha jornada acadêmica. Obrigada por toda paciência e empenho durante a elaboração desse trabalho. Agradeço também a equipe de professores do centro Universitário Católica Salesiana do Espírito Santo, que são verdadeiros mestres que fizeram parte de toda minha jornada acadêmica, e contribuíram para que me tornasse profissional. Estes nos ensinaram o quanto é valioso o conhecimento e o quanto são grandiosas a Educação e a Cultura Corporal de Movimento.

Obrigada a todos que de maneira direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa, que acreditaram na minha capacidade e me deram a mão quando precisei para que esse dia se tornasse realidade.

Gratidão define o que sinto.

O meu muito obrigado a todos!

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

(Paulo Freire)

RESUMO

Esse estudo se configura em um trabalho de conclusão de curso de licenciatura em educação física, com o intuito de discutir como as questões relacionadas a gênero são dialogadas e trabalhadas na escola, bem como em compreender o entendimento dessa temática na percepção com os alunos do quarto ano do ensino fundamental em uma escola pública do município de Cariacica – ES. No que tange a metodologia aplicada, esse estudo se configura em uma pesquisa qualitativa, no qual possibilitou maior análise e interpretação dos dados. Utilizamos como instrumentos para esta a coleta de entrevistas e grupo focal. Analisando os avanços realizados na educação, o currículo promoveu novos significados e vivências para seus alunos, nas aulas de educação física propondo aulas mistas e co-educativas, porém, a relação de gênero ainda é um tabu no ambiente escolar, ocasionado assim que a escola se tornasse imparcial deste tema, refletindo também nas aulas de educação física. O resultante da pesquisa procedeu à compreensão de que a relação de gênero está diretamente ligada pela influência da sociedade em relação a sua postura. Em pleno século XXI ainda há dentro do ambiente escolar, docentes que relacionam as questões de sexo e gênero com desigualdade, deixando de aplicar atividades coletivas que tornarão o aluno cidadãos conscientes, devido a sua sexualidade. A aplicação de temáticas diferenciadas por gênero não resultou em bons resultados, pelo contrário, só distanciou os meninos das meninas, deixando de promover a inclusão social, além de influenciar em um retardo social. É de se destacar que toda a sociedade possui sua parcela de culpa, mas é de extrema importância que a instituição de ensino, no início do aprendizado, implante medidas que solucionem tal problema de diferenciação e que envolva todos os alunos, independente do sexo, nacionalidade ou cor da pele. As temáticas coletivas possuem essa função. Elas envolvem o aluno, ao passo de não existir distinção, o que é muito bom na visão da inclusão social, objetivo este da escola. Chegamos à análise de que a melhor forma de ensinar é criar mecanismos para que todos independentes de gênero, possam refletir através dos seus atos e se tornem cidadãos menos preconceituosos e que saibam compreender e respeitar as diferenças existentes.

Palavras-chave: Gênero. Educação física. Ensino fundamental.

ABSTRACT

This study is part of a graduation course in physical education, with the purpose of discussing how gender issues are discussed and worked in school, as well as understanding the understanding of this theme in the perception with the students of the room Year of elementary education in a public school in the municipality of Cariacica - ES. Regarding the applied methodology, this study is configured in a qualitative research, in which it enabled a greater analysis and interpretation of the data. We used as instruments for this the collection of interviews and focus group, analyzing the advances made in education. The curriculum promoted new meanings and experiences for its students, in physical education classes offering mixed and co-educational classes; however, the gender relationship is still a taboo in the school environment, caused as soon as the school became impartial of this theme, also reflecting In physical education classes. The result of the research was the understanding that the relationship of gender is directly linked by the influence of society in relation to its position. In the middle of the 21st century there are still teachers within the school environment who relate gender and gender issues to inequality, failing to apply collective activities that will make the student citizens aware because of their sexuality. The application of gender-differentiated themes did not produce good results, on the contrary, it only distanced the boys from the girls, failing to promote social inclusion, besides influencing social retardation. It should be noted that the whole society has its share of fault, but it is extremely important that the educational institution, at the beginning of the child's learning, to implant measures that solve this problem of differentiation and that involves all students, regardless of gender, Nationality or skin color. Collective themes have this function. They involve the student, while there is no distinction, which is very good in the vision of social inclusion, this school objective. We arrive at the analysis that the best way to teach is to create mechanisms so that all those who are independent of gender can reflect through their acts and become less prejudiced citizens who are able to understand and respect the existing differences.

Keywords: Genre. Physical Education. Elementary School.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 REVISÃO DE LITERATURA	25
2.1 GÊNERO	25
2.2 GÊNERO E EDUCAÇÃO	28
2.3 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	31
2.4 GÊNERO E A EDUCAÇÃO FÍSICA	38
2.4.1 Mapeando a Literatura	42
3 METODOLOGIA DE PESQUISA.....	45
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	45
3.2 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	47
3.3 SUJEITOS DA PESQUISA.....	50
3.4 CAMINHOS METODOLÓGICOS	50
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO DA PESQUISA	53
4.1 RELAÇÕES DE GÊNERO NO COTIDIANO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	53
4.2 GÊNERO E A ABORDAGEM PEDAGÓGICA DA ESCOLA	60
4.3 GÊNERO O QUE PENSAM AS CRIANÇAS.....	63
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS.....	73
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	79
APÊNDICE B - ROTEIRO DE PERGUNTAS GRUPO FOCAL.....	81
APÊNDICE C - ROTEIRO DE PERGUNTAS DA ENTREVISTA.....	83
APÊNDICE D- ROTEIRO DE PERGUNTAS COM A PEDAGOGA.....	85

1 INTRODUÇÃO

Pesquisar sobre a questão de gênero na atualidade ainda é um desafio, tendo em vista que este tema é considerado como um tabu em diferentes contextos sociais.

A possibilidade de estudar e debater um tema sempre são uma oportunidade de contribuir para que alguns paradigmas sejam quebrados. Entretanto, com o intuito de favorecer nesse diálogo é que trouxemos à tona a possibilidade do debate sobre a questão de gênero.

Diante disso, podemos afirmar que este estudo se configura em um trabalho de conclusão de curso de licenciatura em educação física, que visa apresentar questões sobre a temática de gênero nas aulas de educação física na rede de ensino fundamental localizado no município de Cariacica, buscando investigar de forma mais específica sobre o tema, por exemplo, em uma escola da rede pública nas séries iniciais do ensino fundamental.

O interesse em realizar essa pesquisa surgiu a partir das minhas experiências como aluna durante todo o ensino fundamental, onde as aulas de educação física eram ministradas de forma que os meninos e meninas ficavam separados nas atividades realizadas nas aulas de educação física e com isso demonstrava certa exclusão por parte do professor com relação às atividades propostas.

Entretanto, hoje percebemos que existe a possibilidade de se trabalhar juntos (meninas e meninos) em uma mesma atividade nas aulas de educação física sem que interfira no estereótipo da criança, ou seja, tanto os meninos quanto as meninas poderão realizar as mesmas atividades durante as aulas. E como futura professora percebo a ausência de um diálogo mais profundo durante todo o processo de formação que trate de forma mais específica sobre essa questão, justamente por se tratar de formação de futuros professores, onde os mesmos terão que conviver com essa situação de gêneros durante suas aulas.

Sabemos que essa é uma questão que pode gerar uma grande polêmica no meio escolar, entretanto, não podemos negar esse tipo de discussão tanto para os alunos como entre os professores em formação, pois é uma forma de socialização que pode acontecer nas aulas de educação física, principalmente porque também são nesses momentos que as crianças aprendem muito mais do que a própria prática, além das questões como respeito, liberdade e igualdade com o próximo.

É claro que não podemos deixar que esse tipo de discussão se perca principalmente no ambiente escolar, contudo, é necessário que tenhamos a consciência que estamos realizando nosso papel de forma correta e imparcial.

Sobre o aprendizado que as crianças devem ter em relação à boa convivência e sobre relacionamentos pessoais nas aulas de educação física, nos baseamos no que diz os Parâmetros Curriculares Nacionais da educação física que nos mostra o seguinte:

No que tange à questão do gênero, as aulas mistas de Educação Física podem dar oportunidade para que meninos e meninas convivam, observem-se, descubram-se e possam aprender a ser tolerantes, a não discriminar e a compreender as diferenças, de forma a não reproduzir estereotipadamente relações sociais autoritárias (BRASIL 1997, p. 25).

No desenrolar deste projeto de pesquisa, abordaremos um pouco mais sobre esta questão de aulas mistas e co-educativas, na educação física e como elas podem contribuir na formação e relação social entre os alunos. Contudo, vale primeiramente analisarmos dentro deste contexto alguns pontos de extrema importância que envolvem essas 'guerra de gêneros' durante a história.

Com isso, ao decorrer dos tempos às mulheres começaram a conquistar o seu espaço na sociedade da mesma forma que os homens, após várias décadas de luta. Essas mesmas mulheres tiveram um papel importante na sociedade, visto que muitas compreendem que a diferença em relação aos homens esta nas estruturas sociais que são envolvidas. Apesar dessa luta ser recente, muitas conquistas já foram alcançadas.

Muitas lutas foram travadas em busca de direitos à condição feminina, mas é somente nos últimos trinta anos que a mulher passa a conquistar alguns direitos e espaços sociais. Apesar destas conquistas, há muito o que refletir e debater, pois o movimento pela igualdade, iniciado durante os anos 70, ainda não foi concluído (COSTA; SILVA, 2002, p. 44).

Em um estudo realizado por Hahn, Bohnenberger e Maslowski (2012, p. 139), sobre a luta do feminismo, nos fala o seguinte:

Na história dos últimos séculos, é destacável a luta das mulheres contra todas as formas de discriminação. De acordo com estudiosos na área de gênero, trata-se de um longo processo de transformação social e mudança cultural: o feminismo, um movimento social organizado, que atinge a cultura e a política, numa sociedade organizada de forma patriarcal. É o movimento social e cultural de mulheres e homens em busca de direitos, especialmente, para mulheres, e o reconhecimento social, cultural e jurídico desses direitos.

Historicamente, mesmo que muitas mulheres tenham tido um tratamento diferente do que era dado aos homens, principalmente em questão de oportunidades, atualmente este cenário tem mudado, mesmo que não se perceba, elas se mostram cada vez mais empenhadas em mudar esse quadro.

Provavelmente decorrente desse empenho delas que muitos homens começaram a sentir certo desconforto, principalmente os mais radicais e especialmente no que se refere à força física. Segundo Meyer (2004), por algum tempo essa questão da força física foi uma situação que demonstrou certa diferenciação entre homens e mulheres.

A força corporal foi, por muito tempo, um importante argumento, dentre outros, para explicar a superioridade dos homens sobre as mulheres. Características anatômicas como o tamanho e formato da bacia explicaram e justificaram a maternidade como destino natural da mulher (MEYER, 2004, p. 9).

Mesmo que a discussão se tenha avançado bastante em relação a essa diminuição da desigualdade entre homens e mulheres, em alguns aspectos ainda vamos encontrar em outros setores da sociedade a existência fortemente da prática do sexismo, ou seja, a discriminação pelo sexo ou gênero. Sobre essa questão, temos o que Corrêa (2004, p. 2), diz sobre a discriminação para com as mulheres em relação ao mundo do trabalho. “A ascensão da mulher ao mundo do trabalho não supera o sexismo, pois mesmo ocupando funções equivalentes às dos homens, tem uma remuneração inferior”.

Durante todo esse tempo foi possível perceber que essa desigualdade de gênero na sociedade acabou se refletindo dentro das instituições de ensino, e de forma mais específica nas aulas de educação física, onde alguns professores ao ministrarem suas aulas acabam por separar os meninos das meninas.

Colocando como um exemplo clássico disso é que ainda podemos encontrar com certa frequência esse tipo de segregação nas atividades que envolvem principalmente o futebol, por se tratar de uma prática masculinizada e por ser um esporte que precisa de certas habilidades específicas, como: precisão, maior controle de bola e passes rápidos, existe uma crença de que apenas os meninos são capazes de terem essas habilidades. Dessa forma, as meninas acabam ficando sem a experimentação dessa prática esportiva, pois é considerada ‘sem habilidades’ algo que não é comprovado. Conseqüentemente a isso, as meninas ficam restritas

apenas as brincadeiras que são consideradas menos violentas, como a queimada ou outras atividades com menos contato físico, diminuindo assim o risco de que elas se machuquem.

A título de comparação, observa-se comumente que os meninos são completamente livres e libertos. Jogam bola nas ruas, ... e desenvolvem outras atividades que lhes favorecem o desenvolvimento da motricidade ampla. Essa conduta tem total anuência dos pais, vizinhos e amigos. Por outro lado, as meninas, de um modo geral, são decididamente desencorajadas e, até mesmo proibidas de praticarem essas brincadeiras e atividades. ..., desenvolvem, como consequência, a motricidade fina (ROMERO, 1994, p. 229).

Diante disso, vamos perceber que os meninos conseguem um desenvolvimento corporal melhor que algumas meninas. Isso decorre muita vezes devido a falta de encorajamento na infância ou juventude. Dessa forma, quando elas não são encorajadas a experimentarem corporalmente outros movimentos, a tendência é que acabe gerando a falta de interesse por partes das meninas de participarem das aulas de educação física ou outras atividades, o que propicia ainda mais essa desigualdade de gênero, principalmente nas séries iniciais, onde elas ainda estão em um processo de descoberta corporal.

A tendência dos meninos a serem mais ativos e fisicamente agressivos comparados com os estilos de brincadeiras mais sustentadoras e afetuosas são prováveis contribuições para a segregação de gênero. Meninos brincam espontaneamente nas calçadas, nas ruas ou em terrenos vazios; meninas tendem a escolher atividades mais estruturadas e supervisionadas por adultos (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 300).

É claro que não podemos generalizar essa situação, pois existem muitos profissionais que exercem muito bem seu trabalho, possibilitando assim com que haja aulas mistas e, conseqüentemente, ocorra uma co-educação, justamente por proporcionar aos alunos uma convivência maior entre eles. Além dessa forma de socialização, as aulas co-educativas irá possibilitar com que os mesmos interajam uns com os outros, rompendo com questões relacionadas a gênero por meio dos novos moldes educativos, de acordo com as propostas educacionais. “As aulas coeducativas são uma prática na qual os alunos e alunas tendem a estarem juntos participando das atividades propostas na aula, quando podem ser problematizadas as questões de gênero inerentes às atividades” (DEVIDE; JESUS, 2006, p. 129).

Porém, toda essa questão de desigualdade de gênero no ambiente escolar vem sendo demonstrada há muito tempo. Com a entrada da ideologia do militarismo nas escolas principalmente no Brasil, onde se valeu do método francês em suas aulas, a

educação física estava a serviço do estado, como formadora de homens para a guerra (MARINHO 1958).

Se voltarmos um pouco ao passado, onde as escolas carregavam consigo uma ideologia militarista e masculinizada nas aulas de educação física, no qual a ideia era de formar e preparar os homens apenas para o trabalho e para guerra. “Cuidar do corpo, portanto, passa a ser uma necessidade concreto que devia ser respondida pela sociedade do século XIX” (SOARES e outros, 1992, p.51).

Possivelmente já iniciava ali um processo de separação em relação às mulheres, pois nas atividades físicas, segundo eles, o corpo das mulheres eram frágeis e tinham como utilidade apenas para gerar filhos e cuidar do lar. Já os homens tinham objetivos mais específicos.

A identificação da Educação física com a instrução militar permeou o discurso oficial. As reformas de ensino secundário e industrial traduzem-se como um exemplo da concepção militarizada de Educação física, onde a instrução pre-militar e militar aparecem explicitamente como obrigatórias para os alunos do sexo masculino (GOELLNER, 1992, p. 141 e 142).

Segundo Soares e colaboradores (2006), que vem relatar um pouco sobre esse tipo de metodologia nas aulas de educação física, onde eram ministradas, na maioria das vezes, por militares que demonstravam bastante rigor durante as práticas.

As aulas de Educação Física nas escolas eram ministradas por instrutores físicos do exército, que traziam para essas instituições os rígidos métodos militares da disciplina e da hierarquia. Constrói-se, nesse sentido um projeto de homem disciplinado, obediente, submisso, profundo respeitador da hierarquia social. No Brasil, especificamente na quatro primeiras décadas do século XX, foi marcante no sistema educacional a influência dos Métodos Ginásticos e da Instituição Militar. Ressalta-se que o auge da militarização da escola corresponde à execução do projeto de sociedade idealizado pela ditadura do Estado Novo (SOARES et al, 2006, p, 53).

Entretanto, após uma extensa análise sobre essa questão foi que decidi por realizar esse projeto de pesquisa, visando buscar compreender como são trabalhadas as questões de gênero nas aulas de educação física, bem como nas séries iniciais do ensino fundamental e como os professores enfrentam tais situações no decorrer de suas aulas. Contudo, precisamos, antes de mais nada, compreender a partir dos estudiosos alguns pontos específicos para que esta pesquisa possa alcançar seus objetivos com êxito. Como por exemplo, o que vem a ser gênero, o que são aulas mistas, o que são aulas co-educativas e como funciona na educação escolar esse trabalho?

Portanto, temos o que é definido por Goellner (2005, p. 207), em relação a gênero, que fala sobre essa questão como uma construção social que para ele a, “[...] construção social do sexo. Ou seja, como categoria analítica e política, evidencia que masculino e feminino são construções sociais e históricas.”

Porém, essa questão é vista ainda mais nas aulas de educação física, ficando de forma mais explícita essa segregação entre meninos e meninas, o que contribui nessa construção de identidade de gênero. Louro (2001, p. 72), em sua fala vem fortalecer sobre essa construção, onde ela diz que a, “[...] constituição da identidade de gênero parece, muitas vezes, ser feita através dos discursos implícitos, nas aulas de EF esse processo é, geralmente mais explícito e evidente.”

Diante disso, surgiu um novo modelo pedagógico para as aulas de educação física, onde possibilitaria uma interação maior entre os sujeitos e com isso rompendo com o paradigma de que as aulas deveriam ser separadas, meninos de um lado e meninas de outro. Sobre isso podemos encontrar no que Saraiva (1999), fala que é denominada de co-educação, ou seja, as atividades físicas poderiam ser praticadas por ambos os sexos, o que aumentaria ainda mais as habilidades motoras.

Uma aula de educação física que pretenda a ampliação das vivências esportivas para ambos os sexos devem oferecer a estes as mesmas modalidades, disciplinas e exercícios. Quanto ao alargamento das capacidades motoras, a oferta dessas vivências na educação física possibilitaria a superação de limitações, das quais principalmente as meninas se ressentem. (SARAIVA, 1999, p. 183).

Diante do exposto, nós lançamos as seguintes questões: será que as questões de gênero são trabalhadas com os alunos do ensino fundamental nas séries iniciais nas aulas de educação física? Caso sejam abordadas essas questões, como a escola trabalha juntamente com o corpo docente sobre essa temática? E qual a percepção que os professores têm sobre esse processo diante da compreensão dos alunos sobre o tema abordado?

Após perceber a falta de um diálogo mais profundo durante a minha formação e que tratasse sobre essa questão, principalmente por se tratar de futuros professores que terão a responsabilidade de discutir sobre esse tema com seus alunos, decidimos em realizar essa pesquisa para que pudéssemos obter informações que possam auxiliar em outras pesquisas e assim contribuir com a formação de outros debates acadêmicos.

Inicialmente diante do exposto partindo de tais questões o nosso objetivo inicial era de identificar se e como as questões de gênero são trabalhadas nas aulas de educação física nas séries iniciais do ensino fundamental, e de maneira específica, investigar como as questões de gêneros são trabalhadas, analisar e compreender o entendimento que os alunos apresentam sobre a temática de gêneros e por fim perceber como se dar a interação e a relação dos gêneros na aula de educação física.

Entretanto, em função de alguns imprevistos que serão relatados com mais detalhes na metodologia dessa pesquisa, tivemos que alterar nosso objetivo para que pudéssemos concluir esse estudo com sucesso. Com as observações feitas, nos deparamos com situações que nos fizeram questionar e redefinir o nosso objeto, então, desse modo nosso objetivo geral visou identificar se e como as questões de gênero são trabalhadas nas séries iniciais do ensino fundamental, de modo a compreender qual o entendimento das crianças em relação às questões de gênero. De maneira específica, mantivemos os objetivos de analisar como ocorrem as interações e a relação dos gêneros na aula de educação física, e como a equipe pedagógica lida com essas questões.

Diante disso, esta pesquisa se justifica pelas minhas experiências como estudante do ensino fundamental e, posteriormente, como aluna do curso superior em educação física, no qual esta temática era pouco abordada. Com o objetivo de debater sobre o assunto foi que me propus em realizar esta pesquisa, para que haja uma maior compreensão da sociedade, seja direta ou indiretamente sobre este tema, para que esta discussão não seja ocultada no cotidiano escolar, pois sabemos que a sociedade pode interferir nessas relações e muitas vezes este conflito de gênero acontece em nosso cotidiano, colaborando com essa desigualdade de gênero, principalmente no ambiente escolar, justamente pela falta desse trato pedagógico, ocasionando em uma desigualdade de gênero no meio escolar.

Para tanto, esta pesquisa esta configurada da seguinte maneira: no primeiro capítulo apresentamos nossa introdução, na qual definimos nossos objetivos e redefinimos nossos problemas a serem pesquisados, bem como traçamos algumas metas a serem alcançadas. No segundo capítulo realizamos uma síntese dialogando com a literatura, discutindo sobre o que vem a ser gênero e seus principais conceitos, após isso abordamos sobre o tema gênero e educação de uma forma mais centrada

sobre essas duas temáticas juntos no ambiente escolar, em seguida prosseguimos debatendo sobre alguns dos principais momentos da educação física escolar e a consequência do modelo pedagógico nos dias atuais. Realizamos também uma relação entre gênero e educação física para analisarmos melhor esta conexão com as práticas corporais, e por último, mas não menos importante, realizamos um mapeamento de quando começou a ser discutido gênero e qual a real situação das escolas para dialogar e trabalhar esses temas com seus alunos. No capítulo três que se constitui em nossa metodologia, discorremos sobre todos os caminhos metodológicos nos quais percorremos para produzir esta pesquisa, desde a apresentação dos instrumentos de coletas de dados, apresentamos também os nossos sujeitos e por fim a nossa estratégia metodológica. No quarto capítulo se consistiu em apresentar os resultados desta pesquisa juntamente com os dados coletados, buscando responder os objetivos desta pesquisa e, por fim, encerramos o trabalho com o capítulo de considerações finais.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Em nossa revisão apresentaremos e discutiremos sobre alguns temas importantes em relação a esta pesquisa como os conceitos de gêneros retirados das literaturas e suas definições propriamente ditas e aprofundada sobre essa categoria. Outro tópico que abordaremos nessa pesquisa serão as relações de gênero e educação no qual visamos abordar de forma mais centrada sobre a temática em questão e buscar trazer elementos para nos permitir compreender melhor essa relação de gênero e educação.

Outra temática que abordamos é a educação física escolar, nela tratamos a respeito dos principais momentos da educação física até os dias atuais, dando ênfase na questão do militarismo nas escolas, pois nesse momento as relações de gêneros tiveram um grande destaque com aulas separadas. Principalmente por que tinha o intuito de formar homens para guerra, e assim defender seu povo e sua pátria entorno de valores políticos e as mulheres a função de gerar filhos. E por último, mas não menos importante, a questão de gênero e a educação física escolar, nesse tópico iremos fazer uma releitura de todos os períodos da educação física escolar ressaltando as divisões que aconteciam entre os meninos e as meninas durante as aulas coletivas, onde esse pode ser um dos motivos da dificuldade de se trabalhar nos dias atuais com meninos e meninas juntos.

Com isso nossa pesquisa traz alguns elementos que busca contribuir de maneira que venha beneficiar outros pesquisadores na realização de trabalhos semelhantes na escola, com aulas mistas e co-educativas que visa à interação de todos os alunos e mostrar que as diferenças e diversidade que existem em nossa sociedade não podem interferir na capacidade e habilidades físicas das crianças.

2.1 CONCEITOS DE GÊNERO

Neste tópico buscamos abordar de uma maneira mais objetiva alguns pontos importantes sobre a questão de gênero, bem como apresentar os principais conceitos. Assim iniciamos com apresentação de alguns elementos que nos permite entender quando e como se iniciou essa discussão na história. Contudo, é importante destacar que este tema é de bastante complexidade, não é nosso intuito

fazer qualquer tipo de defesa ideológica até mesmo porque se trata de uma pesquisa que irá contribuir na formação de outros debates objetivando o esclarecimento da temática.

Dessa forma, não poderíamos deixar de iniciar destacando sobre o que a literatura nos fala acerca da conceituação ou definição de gênero. Assim encontramos diferentes definições de gênero descrito por autores que estão engajados sobre essa temática, assim temos:

Para Scott (1995), o termo gênero tem sido mais usado ultimamente para relacionar questões sociais, rejeitando a biologia e dessa forma existe uma tentativa de busca por identidade própria, por isso para ele, “[...] o termo gênero não implica necessariamente na tomada de posição sobre a desigualdade ou o poder, nem mesmo designa a parte lesada (e até agora invisível)” (SCOTT, 1995, p. 77).

Outra definição sobre gênero e descrito por Louro (2010, p. 11), que reforça essa ideia de relação social que são muitas das vezes marcadas por uma cultura de corpos determinado por aquilo que é visto como feminino e ou masculino:

A inscrição dos gêneros – feminino ou masculino – nos corpos e feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade.

Encontramos também outra definição para gênero no dicionário crítico da educação física (2008), que descreve sobre gênero como uma construção social e histórica que é incorporada no sujeito da seguinte forma:

[...] a palavra gênero permita ser observada a partir de diferentes olhares (marxista, estruturalista, psicanalítico, feminista radical, pós-estruturalista, entre outros) e consensual que se refira, fundamentalmente, à construção social do sexo. Ou seja, como categoria analítica e política evidencia que masculino e feminino são construções sociais e históricas. O gênero se incorpora na identidade do sujeito, faz parte da pessoa, a constituir o que não implica afirmar que ai se constrói papeis masculinos e femininos (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2008, p. 207, 208).

Outra definição que nos chamou bastante a atenção foi a descrita por Abreu (2010), onde ele direciona o significado de gênero para diferentes campos de conhecimentos, ele também diferencia entre ciências humanas e naturais.

O termo “Gênero” tem significação polissêmica, podendo ser utilizado para diversas e diferentes atribuições em diferentes campos do conhecimento, o que permite interpretá-lo como conceito e categoria de análise. Enquanto o vocábulo “gênero” pode significar para as ciências naturais: espécie, grupo de coisas, plantas, animais, artigo, matéria, coisa que se usa ou se

consome; para as ciências humanas e sociais refere-se a elaboração cultural das noções de masculinidade e feminilidade, aquilo que se diz a partir das diferenças sexuais (ABREU, 2010).

Sendo assim ao estudarmos o que foi escrito por Altmann e Souza (1999), compreendemos que uma das definições de gênero está no fato de que se trate de uma construção social, no qual mesmo que homens e mulheres tenham diferenças sexuais estas diferenças não podem ser negligenciadas, ou seja, precisa ser respeitada de qualquer forma.

Assim segundo autora, “[...] a ênfase dada pelo conceito de gênero à construção social das diferenças sexuais não se propõe a desprezar as diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres, mas considera que, com base nestas, outras são construídas” (ALTMANN; SOUZA, 1999, p. 54). Segundo a autora, não se pode desconsiderar as diferenças que existem entre homens e as mulheres no que diz respeito às características biológicas, mas pelo contrário deve-se levar em consideração que outras diferenças irão surgir e muitas das vezes tendo como base a questão de gênero.

Pelo que se percebe nessas diferenças é que muitas vezes, são resultados dos movimentos corporais que são realizados pelos homens e pelas mulheres, o que acaba por determinar o que é masculino e o que é feminino. Assim ele (o corpo) tende a assumir um controle, onde cria uma estrutura organizacional que envolve várias esferas sociais e constrói jeitos diferentes de movimentos corporais para homens e para mulheres.

[...] todo movimento corporal é distinto para os dois sexos: o andar balançando os quadris é assumido como feminino, enquanto dos homens espera-se um caminhar mais firme (palavra que no dicionário vem associada a seguro, ereto, resoluto – expressões muito masculinas e positivas), o uso das mãos [...], o posicionamento das pernas ao sentar, enfim, muitas posturas e movimentos são marcados, programados, para um e para outro sexo (LOURO, 1992, p. 58,59).

Outra compreensão que devemos ter sobre a discussão de gênero, é que este não se trata de manter uma postura oposicionista dos sexos, ou seja, o masculino não é o oposto do feminino, mesmo que isso pareça acontecer. Principalmente se olharmos em nossa sociedade, vamos encontrar em vários setores tentativas de colocarem o feminino contra o masculino, como se fosse uma ‘guerra dos sexos’ e isso acontece também não apenas com os adultos, mas no meio das crianças dentro do ambiente escolar. “Assim, meninos e meninas não mantêm nítidas as divisões de gênero, estando por vezes separados e noutras juntos, o que, nas aulas

de educação física, nem sempre ocorre sem muitos conflitos” (ALTMANN; SOUSA, 1999, p. 56).

Outro ponto que podemos analisar sobre essa situação e que, quando se fala sobre gênero se fala também de relação entre pessoas. Queremos reforçar que o conceito de gênero está na busca pela equidade, que tem sido buscado pelas mulheres ao longo da história de forma que essa luta vem sendo travada diariamente até os dias atuais, que são os mesmos direitos que os homens têm em todas as esferas sociais. Sobre isso Altmann e Sousa (1999, p. 55), diz que, “[...] gênero é uma categoria relacional porque leva em conta o outro sexo, em presença ou ausência”, ou seja, reforçar a relação entre pessoas.

Diante disso o conceito de gênero se torna algo muito amplo para se analisar por apenas uma perspectiva, “[...] logo gênero terá varias definições de acordo com as culturas vivenciadas de povos/sociedades/comunidades/tribos diferentes” (VIANNA; RIDENTI apud GUIDONI, 2004, p. 16).

Com isso cabe uma reflexão de maneira que possa permitir com que os debates sejam cada vez mais intensos e se alcance novos direcionamentos sobre a temática em questão.

Assim, buscando uma melhor análise sobre o tema e que discutiremos como essa questão é vivenciada dentro do ambiente escolar diante de várias situações que envolvem o assunto em nossa sociedade, o tópico gênero e educação vem abordando de maneira mais enfática sobre esse debate.

2.2 GÊNERO E EDUCAÇÃO

Em nossa revisão de literatura buscamos abordar de forma mais centrada sobre a temática em questão e assim apresentando elementos que nos permiti compreender sobre essa relação de gênero e educação escolar. Entretanto esta é uma discussão que precisa de muita atenção, principalmente ao ser mencionado no ambiente escolar, pois para que se possamos ter adultos que saibam se relacionar uns com os outros de forma respeitosa, primeiro precisamos ensinar que as crianças se respeitem da mesma forma. E este respeito mútuo é fruto de uma construção que é conquistada juntamente com a sociedade, escola, pais e alunos e que demonstram

que não existem diferenças entre as pessoas, principalmente no que se refere a qualquer tipo de prática esportiva.

Segundo Altmann e Sousa (1999, p. 54), “[...] a ênfase dada pelo conceito de gênero à construção social das diferenças sexuais não se propõe a desprezar as diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres, mas considera que, com base estas, outras são construídas.” Contudo precisamos compreender como isso vai funcionar dentro da escola, onde existe uma grande variedade de sujeitos com experiências diversas e diferentes umas das outras.

Sabemos que a escola é um espaço destinado ao ensino pedagógico de forma organizacional e com isso têm como um de seus objetivos fornece uma educação que possibilite ao discente criar um pensamento mais crítico de si mesmo e do mundo que o cerca, possibilitando que o mesmo se torne mais autônomo em suas decisões futuras.

A escola tem por missão aproximar alunos e alunas do pensamento científico, para proporcionar-lhes conhecimentos e desenvolver sua inteligência, e costuma cumprir esta missão com rigidez própria de uma manifestação dogmática (MORENO, 1999, p, 17).

Compreendemos que a discussão de gênero na educação deve ser conduzida de modo que não interfira na identidade do aluno, por isso o papel do professor é fundamental durante todo esse processo de socialização e aprendizagem que se dar principalmente no âmbito escolar, pois os mesmos estão ali como protagonistas e não apenas como meros coadjuvantes. Com isso vale a seguinte reflexão sobre a, “[...] importância do papel dos (as) professores (as) na problematização e vivência das questões de gênero, na prática pedagógica, junto aos seus alunos/as” (JESUS; DEVIDE, 2006, p. 125).

Assim, o corpo pedagógico tem como responsabilidade orientar os seus professores sobre importância de se trabalhar com essa temática de forma que não crie nenhum tipo de discriminação durante as aulas, mantendo um diálogo entre os alunos, pais e sociedade através de uma educação que respeite a individualidade de cada um.

Outra questão que precisa ser esclarecida é que, quando se fala de gênero automaticamente há um direcionamento para a separação entre homem e mulher ou feminino e masculino, provavelmente um pensamento ideologia que a criança passa a conhecer por intermédio das pessoas que o cercam que já é uma ideologia implantada pela sociedade, onde muitas das vezes é feita de forma severa, no qual

menino tem brincadeira diferente das meninas e/ou vice versa. “[...] meninos e meninas sofrem igualmente com a maneira como o masculino e o feminino são ensinados na escola, que poderia se tornar um ambiente de encontro entre eles e transformá-los em pluralidade” (PEROZIM, 2006, p. 48).

Assim se recorrermos à ideologia seguida pelo cristianismo, onde demonstra que homem e mulher são seres opostos, segundo Dumont (1985), temos o seguinte:

Adão ou, em nossa linguagem, o homem, é duas coisas ao mesmo tempo: o representante da espécie humana e o protótipo masculino dessa espécie. Num primeiro nível, homem e mulher são idênticos; num segundo nível, a mulher é o oposto ou o contrário do homem. Essas duas relações, tomadas em conjunto, caracterizam a relação hierárquica, a qual não pode ser melhor simbolizada do que pelo **englobamento** material da futura Eva no corpo do primeiro Adão (DUMONT, 1985, p. 129, grifo do autor).

É claro que este é um pensamento que não se encaixa nos padrões da atual sociedade, onde as mulheres estejam submetidas ao poder hierárquico do homem, muito pelo contrário, deve ser existir um nivelamento de posições.

Portanto algo que precisa ser construído atualmente no ambiente escolar e que se tenha o mesmo tratamento tanto para os meninos como para com as meninas, principalmente no que diz respeito às aulas de educação física, assim permitindo a participação de todos durante as aulas, porque elas assim como eles são sujeitos com os mesmos direitos e deveres até mesmo porque a escola é um espaço de democratização e interação social.

Contudo deve partir da própria escola a modificação de sua metodologia de ensino. Mesmo que muitas mulheres ao longo da história tenham lutado por direitos iguais em posições na sociedade, isto inclui também dentro do ambiente escolar, onde as meninas e os meninos devem participar juntos das aulas, para que não se crie nenhum ‘tipo de domínio’ por parte dos meninos em relação às meninas, ou seja, um domínio de gênero masculino. Vamos ver que essa luta não estava restrita apenas na escola, mas em todo o contexto social, sobre isso temos o seguinte relato, onde diz:

[...] que o feminismo, além das preocupações sociais e políticas, irá se voltar para as construções propriamente teóricas. No âmbito do debate que então se trava entre estudiosas e militantes, de um lado, e seus críticos e suas críticas, de outro, será engendrado e problematizado o conceito de gênero (LOURO, 1997, p. 15).

Com o objetivo de possibilitar um tipo de interação social entre meninos e meninas durante as aulas foi que surgiu como uma possibilidade metodológica as aulas

mistas. É claro que esta é uma proposta que exige dos professores certa habilidade para ministrar suas aulas, até mesmo para que pudessem romper com certos paradigmas, principalmente em relação a estereótipos sexuais e assim desconstruindo a imagem de que apenas os meninos possuem mais habilidade que as meninas para certo tipo de atividade, assim vale o mesmo em relação das meninas para com os meninos. Entretanto segundo Jesus e Deive (2006), isso não é algo fácil de realizar. “Não é tarefa simples para os docentes desenvolverem aulas Mistas de forma harmônica, quando os alunos (as) estão acostumados com aulas separadas” (JESUS; DEVIDE, 2006, p. 128).

Apesar de não ser uma tarefa fácil este trabalho realizado pela escola com uma educação voltada para o respeito entre os alunos na questão de gênero é fundamental, pois será a partir deles que muitos paradigmas poderão ser quebrados.

Porém vamos perceber isso de forma mais acentuada nas aulas de educação física, onde situações surgem quase que diariamente, como trabalhar com aulas separadas ou aulas mistas, visto que durante as aulas separadas o professor terá um trabalho dobrado e não poderá dar a mesma atenção para ambos os grupos o que não ocorre nas aulas mistas. “Durante as aulas separadas, o docente tende a não dar a atenção necessária aos dois grupos simultaneamente, prejudicando o andamento e a qualidade da aula” (JESUS; DEVIDE, 2006, p. 126).

Essa é uma das desvantagens das aulas separadas, pois acaba prejudicando alguns dos alunos durante as aulas, entretanto quando as aulas são mistas o aproveitamento é bem melhor e o aprendizado terá maior eficiência.

A partir disso analisaremos um pouco sobre a história da educação física escolar diante desse mesmo contexto para que possam entender o que ocorre atualmente e criar uma analogia do peso que acarreta a educação física sobre essas questões relacionada a gênero nos dias atuais.

2.3 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Neste subtópico abordaremos sobre alguns dos principais momentos históricos que a educação física escolar passou, desde os períodos higienista, militarista, pedagoga e o esportivista. Expressaremos também brevemente sobre algumas

das abordagens que surgiram entre os séculos XVIII e XIX que foram responsáveis pelos intensos debates ocorridos naquela época e que até hoje tem gerado várias discussões. E por fim tentaremos mostrar como a educação física se encontra hoje no atual cenário, visto que compreendemos que esta é uma disciplina que apesar de ter como especificidade o movimento corporal ela também está sujeita a modificações pedagógicas, ou seja, é uma disciplina que está sempre se renovando. E sobre essa especificidade podemos compreender que a aula de educação física se trata de, “[...] um espaço intencionalmente organizado para possibilitar a direção da apreensão, pelo aluno, do conhecimento específico da Educação Física e dos diversos aspectos das suas práticas na realidade social” (SOARES et al., 1992, p. 87).

Sabemos que a educação física surge a partir de necessidades sociais e que foi se modificando ao longo os tempos passando por vários períodos e concepções até chegar aos dias atuais e essas concepções foram responsáveis pela reformulação da educação física como conhecemos hoje. Ghiraldelli citado por Sena (2015, p. 14), nos mostra um pouco de como essas concepções eram encaradas, visto que cada uma delas tinham suas particularidades e suas especificidades de acordo com cada época.

A Educação Física higienista é uma concepção que se preocupa em erigir a Educação Física como agente de saneamento público, na busca de uma sociedade livre das doenças infecciosas e dos vícios deteriorados da saúde e do caráter do homem do povo. A Educação Física Militarista não se resume numa prática militar de preparo físico. É, acima disso, uma concepção que visa impor a toda a sociedade padrões de comportamento estereótipos, frutos da conduta disciplinar própria ao regime de caserna. A Educação Física Pedagógicista está preocupada com a juventude que frequenta as escolas. A ginástica, a dança, o desporto etc, são meios de educação do alunado. São instrumentos capazes de levar a juventude a aceitar as regras de convívio democrático e de preparar as novas gerações para o altruísmo, o culto a riquezas etc. A Educação Física Competitivista, era o amortecimento da população (estudantil e trabalhadora) para perpetuar a dominação. E aí é preciso ter claro que não se efetivava a dominação pela dominação; o que se pretendia eram o extermínio de qualquer tipo de oposição que não aceitasse a continuidade do modelo econômico internacionalizado.

Com isso podemos compreender que ela se tornou uma prática que obrigou uma melhor análise por parte dos estudiosos e isso começou a acontecer após um longo período de discussão no Brasil sobre sua legitimação, que se deu por várias propostas como citado acima e com relação aos seus conteúdos e suas práticas desenvolvidas nos espaços escolares algumas dessas propostas tinha

características diferentes umas das outras. Com a constituição dessas práticas no ambiente escolar e seguindo alguns exemplos históricos, a educação física nessa época tinha como intuito apenas a manutenção do corpo, pois todas as atividades eram exclusivamente corpóreas, ou seja, o cuidado com o corpo era algo primordial. “Educar o corpo para a produção significa promover saúde e educação para a saúde (hábitos saudáveis, higiênicos)” (BRACHT, 1999, p. 73).

Nesse período o corpo é visto como uma ‘máquina’, se tornando um instrumento de pesquisa, principalmente pelas ciências, que visava na melhorar o funcionamento e as condições de vidas e de saúde dos indivíduos. Dessa forma os estudiosos queriam tentavam ter o controle sobre o corpo, onde o consideravam como uma máquina que precisava está funcionando muito bem e tudo isso a partir dos estudos científicos.

Dessa maneira segundo Bracht (1999) em seus estudos relacionado ao funcionamento do corpo humano ele nos diz que:

A ciência fornece os elementos que permitirão um controle eficiente sobre o corpo e um aumento de sua eficiência mecânica. Melhorar o funcionamento dessa máquina depende do conhecimento que se tem de seu funcionamento e das técnicas corporais que construo com base nesse conhecimento (BRACHT, 1999, p. 73).

Já no período do método militarista tinha-se o intuito de formar homens para guerra e defender a pátria e seu povo ao entorno de valores políticos, além disso, a educação física tinha um caráter mais rígido e controlador provavelmente porque era ministrada por militares e conseqüentemente exigiam uma postura mais firme. As atividades ministradas eram voltadas apenas para a prática com o intuito de alcançar a aptidão física, pois o objetivo era a produção e fortalece a classe trabalhadora, que servia de mão de obra. Sobre isso temos o seguinte. “Nesse período a Educação Física escolar era entendida como atividade exclusivamente prática, fato este que contribuiu para não diferenciá-la da instrução física militar” (SOARES, et al, 2006, p. 53).

No período pedagógico vem trazendo novos significados para a educação física dentro do ambiente escolar fazendo com que os alunos sejam instruídos democraticamente com um caráter educativo e muito mais que isso, ela torna-se tornar uma disciplina que passa a ser inserida nas universidades, com o objetivo de contribuir na formação dos futuros professores. Ou seja, era necessário que se

tivesse um corpo docente preparado para ensinar outras pessoas sobre essa disciplina para que fosse além da própria prática. Surgindo então um rompimento com o paradigma da aptidão física a discussão se volta para a pedagogização da disciplina. Diante disso podemos compreender sobre essa concepção pelo que nos é relatado por Bracht (1999), onde diz que:

Toda a discussão realizada no campo da pedagogia sobre o caráter reprodutor da escola e sobre as possibilidades de sua contribuição para uma transformação radical da sociedade capitalista foi absorvida pela EF. A década de 1980 foi fortemente marcada por essa influência, constituindo-se aos poucos uma corrente que inicialmente foi chamada de revolucionária, mas que também foi denominada de crítica e progressista (BRACHT, 1999, p. 78).

No período esportivista o foco principal era o esporte, sendo esta a função da educação física, principalmente porque neta época havia grande disputa externa, e o governo querendo ocultar algumas situações se valeu deste momento para desviar a atenção da sociedade de todos os problemas que aconteciam na nação. A busca pelo melhor desempenho e por resultados já se iniciava desde muito cedo. A educação física ficou submissa ao esporte e deixando outras práticas em segundo plano, e com isso as aulas acabavam sendo ficando para a busca do alto rendimento e com isso o professor tinha outro papel e os alunos meros atletas.

O esporte de alto nível passou a ser usado como espetáculo, distração e orgulho nacional. A imagem do herói atleta é dominante como nunca e o sucesso brasileiro nas disputas internacionais encheram o povo de orgulho. Paralelamente, buscava-se desviar a atenção da população acerca dos acontecimentos importantes, como os momentos em que o governo militar caçava, espancava, torturava e matava inúmeras pessoas, cuja única transgressão era pensar diferente daquilo que os militares consideravam correto (CHAGAS; GARCIA, 2011, p.1).

Após esse período a educação física começou a ser discutida de forma mais intensa, principalmente na área pedagógica, onde o debate era sobre sua real contribuição no âmbito do ensino escolar. Segundo Soares (1994, p. 71), “[...] à Educação Física, particularmente a escolar, privilegia em suas propostas pedagógicas [...]”. A década de 80 foi uma época de muitas transformações e discussões que faziam várias críticas sobre esse paradigma da aptidão física. Nessa época surgem algumas propostas pedagógicas como forma de contribuir para melhorar o desenvolvimento da disciplina. Abaixo abordamos um breve resumo de algumas dessas abordagens críticas e não críticas.

Uma das primeiras abordagens de que vamos falar é a desenvolvimentista, que tinha como um dos principais objetivos permitir com que o aluno das séries iniciais

se apropriasse de novos conhecimentos através do movimenta-se, ou seja, as experiências que ela iria adquirir a partir do momento em que o professor permitisse com que ela experimentasse aquele movimento, pois ele aprende se movimentando e interage com o mundo e com o próximo.

Sobre esta abordagem Bracht (1999, p. 78) diz o seguinte.

[...] é a chamada abordagem desenvolvimentista. A sua idéia central é oferecer à criança – a proposta limita-se a oferecer fundamentos para a EF das primeiras quatro séries do primeiro grau – oportunidades de experiências de movimento de modo a garantir o seu desenvolvimento normal, portanto, de modo a atender essa criança em suas necessidades de movimento.

Assim segundo Tani (1988), ao se referir sobre a importância dos movimentos para o ser humano ele diz que eles, “[...] são de grande importância biológica, psicológica, social, cultural e evolutiva, desde que é através de movimentos que o ser humano interage com o meio ambiente” (TANI, et al, 1988, p. 11).

Outra abordagem pedagógica ficou conhecida como a psicomotricidade, essa abordagem foi criticada na época pelo fato de considerar a educação física como um apoio as demais disciplinas, ou seja, ela não tinha uma especificidade naquele momento e que os movimentos realizados não influenciavam em nada no aprendizado dos alunos. Sobre ela tinha a seguinte função, “[...] seu papel subordinado a outras disciplinas escolares. Nessa perspectiva o movimento é mero instrumento, não sendo as formas culturais do movimentar-se humano considerado um saber a ser transmitido pela escola” (BRACHT, 1999, p. 79).

Sobre as abordagens críticas temos a crítico superadora, esta abordagem tem como característica a cultura corporal de movimento e com isso ela não queria apenas ter um caráter pedagógico, mas também permitir com que os alunos fossem para a prática. Segundo Soares e outros (2003, p. 62) sobre a cultura corporal têm o seguinte:

O homem de apropria da cultura corporal dispondo sua intencionalidade para o lúdico, o artístico, o agnóstico, o estético ou outros, que são representações, ideais, conceitos produzidos pela consciência social e que chamaremos de “significações objetivas”.

Outra abordagem é a crítica emancipatória que fazia duras críticas no método de ensino dos esportes no âmbito escolar é que os alunos deveriam aprender de modo que os tornassem cada vez mais autônomo e críticos.

O aluno enquanto sujeito do processo de ensino deve ser capacitado para a sua participação na vida social, cultural e esportiva, o que significa não somente a aquisição de uma capacidade de ação funcional, mas a capacidade de conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados nesta vida através da reflexão crítica (KUNZ, 2009, p. 31).

É claro que existem outras abordagens como construtivista, concepções de aulas abertas, tecnicista, entre outras, entretanto decidimos relatar apenas essas, pois as mesmas contribuíram de forma significativa para que a disciplina se tornasse o que é hoje.

Hoje a educação física é reconhecida e garantida pela Lei de Diretrizes e Bases (1996), como componente curricular escolar e ser tornou uma disciplina obrigatória na educação básica, mesmo que várias pessoas ainda ignorarem essa conquista ela vem se mantendo firme diante de tantas ameaças.

De acordo com Barbosa (2001, p.19), temos o seguinte:

É esse poder legal, representado por leis e decretos, que confere a Educação Física o "status" de disciplina obrigatória do currículo escolar da Educação Básica, permitindo que sua ação pedagógica se exerça com autoridade e legitimidade, ainda que construídas sobre conceitos estereotipados e comprometidos com interesses capitalistas.

Com isso podemos entender melhor o significado da educação física ao ser inserida nas instituições com uma proposta pedagógica de ensino e aprendizagem para os alunos com diversos significados, construindo essa interação entre os sujeitos e suas diferenças um para com o outro e com o mundo e assim proporcionando os conhecimentos de aspectos como: sociais, éticos e morais.

De acordo com os PCN's (BRASIL, 1998a, p.19), é proposto como princípio básico a necessidade de se ter aulas ministradas para todos os alunos, para que não haja separação entre eles e que possa alcançar a todos em uma mesma perspectiva de modo que os conteúdos ministrados permita a inclusão dos alunos nas atividades.

A sistematização dos objetivos, conteúdos, processos de ensino e aprendizagem e avaliação tem como meta a inclusão do aluno na cultura corporal de movimentos, por meio da participação e reflexão concretas e efetivas. Busca-se reverter o quadro histórico de seleção entre indivíduos aptos e inaptos para as práticas corporais, resultante da valorização exacerbada do desempenho e da eficiência.

Segundo Betti e Zuliane (2002), a educação física escolar deve buscar contribuir na educação do aluno por completo, ou seja, corpo e mente, onde irá leva-lo a vivenciar por meio das práticas corporais outros significados de valores, uma aprendizagem

de forma mais ampla e assim eles se tornam capazes de pensar, sentir e tonando-se mais crítico e autônomo. “É tarefa da Educação Física preparar o aluno para ser um praticante lúcido e ativo, que incorpore o esporte e os demais componentes da cultura corporal em sua vida, para deles tirar o melhor proveito possível” (BETTI; ZULIANE, 2002, p. 75).

Certificando com o citado acima, segundo o PCN's, citado por Sena (2015, p. 17), temos o seguinte sobre a intenção da educação física na vida dos alunos:

A Educação Física escolar não possui a intenção de fazer os alunos aprenderem a repetir gestos estereotipados, com o objetivo de apenas automatizá-los e reproduzi-los, restringindo os alunos ao simples exercício de certas habilidades e destrezas, mas sim de proporcionar a apropriação do processo de construção de conhecimentos relativos ao corpo e ao movimento, construindo uma possibilidade autônoma de utilização de seu potencial gestual, capacitando o sujeito a refletir sobre suas possibilidades corporais e, com autonomia, exercê-las de maneira social e culturalmente significativa e adequada.

De acordo com essa citação e papel do professor junto com a escola e de oferecer mecanismos para que os alunos se desenvolvam como sujeitos autônomos e críticos, pois a educação física escolar contribui na construção de conhecimento na chamada cultura corporal de movimento, para que dessa forma possa levar os alunos a uma maior interação consigo mesmo e com os outros, pois a disciplina tem uma ampla diversidade de conteúdos e práticas fazendo dela específica em sua área de. “Neste sentido o professor é o grande responsável pela construção desse conhecimento possibilitando aos alunos uma cultura corporal que possa contribuir nos aspectos físico, intelectual, e social desse aluno” (ROCHA, 2013, p. 15).

Diante disso o professor irá propiciar aos alunos oportunidades de acesso à cultura de movimento sem que haja exclusão de alguns, independentes se o mesmo possui habilidade ou não ou por qualquer outro motivo e sim assumirá nas suas aulas a responsabilidade de proporcionar possibilidades para que os alunos usufruam das diversas práticas de movimentos.

A especificidade da educação física como sabemos que é conhecida como práticas corporais de movimentos ou cultura corporal de movimentos e isso incluem os esportes, jogos, a ginástica, as danças esses conhecimentos passaram a se tornar conteúdo da educação física escolar, visto que a escola seja um ambiente de aprendizagem sistemática, onde segundo Soares (2006, et al) engloba várias práticas que expressam a linguagem do corpo.

A Educação Física é uma disciplina que trata, pedagogicamente, na escola, do conhecimento de uma área denominada aqui de cultura corporal. Ela será configurada com temas ou formas de atividades, particularmente corporais, como as nomeadas anteriormente: jogo, esporte, ginástica, dança ou outros, que constituirão seu conteúdo. O estudo desse conhecimento visa aprender a expressão corporal como linguagem (SOARES, et al, 2006, p. 61 e 62).

Assim, a educação física escolar assume a função de contribuir para que os alunos se sintam inseridos em todos os ambientes, bem como que através do ensino o mesmo possa se expressar de maneira livre. Dessa forma, as aulas de educação física ao serem ministradas de forma mista ajudam tanto na socialização, quanto nas questões problematizadas. Diante disso abordaremos sobre como a questão de gênero deve ser tratada nas aulas de educação física.

2.4 GÊNERO E A EDUCAÇÃO FÍSICA

A educação física escolar continua em um processo construtivo de sua identidade para que possa se manter fidedigna com sua real intenção no ambiente escolar, por isso procuramos neste tópico trazer alguns elementos que possa elucidar sobre as questões de gênero dentro da educação física escolar e qual é o posicionamento da disciplina sobre esta questão.

Houve um período em que as mulheres eram preparadas para ensinarem outras mulheres, enquanto isso os meninos eram ensinados por militares, o que reforçava essa separação entre os sexos, mesmo que isso sofrido alguma mudança significativa à divisão de gênero ainda permeia uma grande parte da sociedade e isso vai influenciar as novas gerações. Sobre essa separação Moraes (2011), relata que até “[...] os anos 50 as mulheres se preparavam para serem professoras de outras e crianças e os homens, em intuições militares, para ensinarem meninos” (MORAES, 2011, p.11).

A questão de gênero aparece mesmo que de maneira involuntária nas aulas de educação física, onde as crianças reproduzem na escola o que ouvem e/ou aprendem de seus pais ou até mesmo da própria escola. Segundo, Fernandes (2011, p. 17) a educação física tem uma grande responsabilidade neste sentido que a de, “[...] problematizar a questão de gêneros e buscar uma compreensão menos pré-conceituosa sobre estas relações”.

Isso acaba fazendo com que os próprios alunos cresçam com um pensamento sexista, onde em alguns casos quando mais velhos podem acabar se tornando pessoas intolerantes umas com as outras. Dessa forma o professor de educação física acaba tendo um papel fundamental nas aulas, pois o mesmo pode contribuir para esse tipo de raciocínio dos alunos, ou fazer com eles se tornem compreensivos um com os outros. O docente precisa estar atento a estas questões para que não espalhe a ideia de sexismo entre os seus alunos.

Sobre a atuação do professor de educação física o mesmo autor acima citado diz o seguinte:

Posto que é no âmbito escolar, junto com a intervenção do professor, na escolha dos conteúdos, na forma de transmissão desses conteúdos, na forma de avaliação, ou seja, em suas aulas que as questões de gênero se manifestam e um dos muitos papéis do profissional de educação física é a de buscar dentro e fora da escola, o reconhecimento e respeito pela diversidade, usando como ferramenta suas aulas, sua proximidade com o aluno e logo provocando uma reflexão sobre a cultura corporal dentro na prática pedagógica e modificando velhos conceitos e pensamentos, para que assim possam ser reproduzidos (FERNANDES, 2011, p. 17).

Este pensamento de separação pode ser resultado dos ataques preconceituosos existentes na sociedade e que muitas vezes é reforçado por brincadeiras que são de exclusividade para os meninos e ou para meninas e que poderão atrapalhar no desenvolvimento dos corpos de ambos. E sobre essa referência ao corpo é dado pela formação de sua identidade.

Sobre isso Louro (2010, p. 14), relata o seguinte:

Nossos corpos constituem-se na referencia que ancora, por fim, a identidade. E, aparentemente, o corpo é inequívoco, evidente por si/ em consequência, esperamos que o corpo dite a identidade, sem ambiguidades nem inconstância. Aparentemente se deduz uma identidade de gênero, sexual ou étnica de “marcas” biológicas; o processo é, no entanto, muito mais complexo, e essa dedução pode ser (e muitas das vezes é) equivocada. Os corpos são significados pela cultura e são, continuamente, por ela alterados.

E para colaborar com o autor citado acima sobre a relação de corpos femininos e masculinos, temos o seguinte:

O corpo feminino parece não poder ser forte, não poder exercer uma masculinidade, se isso acontece a mulher, menina, tem sua feminilidade e heterossexualidade questionadas, como se fosse uma regra ser heterossexual. Questionamentos que, obviamente, também acontecem aos meninos (MORAES, 2011, p. 14).

Entretanto cabe ao professor procurar integrar todos os alunos nas suas aulas e mostrar que as diferenças e diversidades de gêneros não interferem na capacidade

de desenvolvimento corporal e habilidades físicas. Ou seja, ao separá-los só estará consolidando ainda mais a discriminação e rivalidade entre os sexos durante as aulas e no decorrer de seu crescimento como indivíduo.

As relações de gênero imprimem os significados nos corpos, construindo as habilidades esperadas tanto para meninas, quanto para meninos. Assim, é possível perceber como o corpo, mesmo seus aspectos biológicos, é influenciado pela cultura, e, mais do que influenciado, formado por cultura e expressão dela (CORSINO, 2012, p. 5).

Compreendemos que são nas aulas de educação física que esse debate surge com mais veemência, ate mesmo porque e no ambiente escolar que muitas características são construídas durante muito tempo e de acordo com o que se transmite nas aulas possivelmente vai permanecer na vida das crianças o que acaba se tornando um círculo vicioso, ou seja, se não houve uma desconstrução dessa ideologia de que meninos e meninas não podem participar de uma mesma atividade nas aulas de educação física, dificilmente vai se romper com esse paradigma de sexismo.

Louro (1997) vem confirmando sobre isso ao relatar sobre a grande resistência e dificuldade de se trabalhar com meninos e meninas juntos nas aulas de educação física o que acaba não permitindo uma maior inclusão entre eles. “[...] a educação física parece ser a área onde as resistências ao trabalho integrado persistem, ou melhor, onde as resistências provavelmente se renovam, a partir de outras argumentações ou de novas teorizações” (LOURO, 1997, p. 72).

Contudo para contribuir com essa inclusão que tem que ser feita pela escola e principalmente pelos professores é que surgiu uma nova forma de organizar as aulas de educação física nas escolas a chamada: aulas mistas. As aulas mistas surgiram para uma maior interação entre os meninos e as meninas para que todos pudessem participar de forma democrática das atividades e que dessa forma fosse possível explorar todos os movimentos corporais de maneira que não houvesse nenhum tipo de discriminação.

As aulas mistas surgiram no panorama da EF e argumentando a possibilidade de desconstrução de estereótipos sexuais e a viabilização dos conteúdos para ambos os sexos, de forma igualitária. Não é tarefa simples para os docentes desenvolverem aulas Mistas de forma harmônica, quando os alunos (as) estão acostumados com aulas separadas (DEVIDE; JESUS, 2006, p. 128).

Certamente esta é uma questão em que os professores terão um pouco de trabalho quando forem fazer seus planejamentos anuais ou semestrais, visto que as aulas

deverão ser pensadas de maneira que inclua todos os alunos e que as atividades sejam pensadas tanto para as meninas como para os meninos. Como os professores ainda não conhecem os seus futuros alunos ficará até certo momento difícil para os mesmos terem que rever suas propostas durante as aulas, ou seja, eles precisam se organizar para que, quando os alunos chegarem às aulas no início do ano letivo, não haja recusa por parte dos alunos e das aulas em participarem das atividades propostas que tenham que interajam uns com os outros de maneira agradável, do contrário, isso poderá gerar algum tipo de recusa ou bloqueio tanto por parte dos meninos como das meninas. Entretanto isso deve acontecer provavelmente por falta de alguma habilidade que ainda não tem ou desconhece, conforme nos diz Abreu (1992), onde diz que em um, “[...] primeiro momento há um bloqueio por parte dos meninos em aceitar praticar atividades junto com as meninas. Assim que estas meninas demonstram habilidade em executar determinada tarefa, este incômodo desaparece” (ABREU, 1992, p. 115).

Por meio das aulas mistas é possível que haja uma maior interação por parte dos alunos, pois ao serem trabalhadas de forma que eles compreendam a importância da socialização nas aulas de educação física poderá existir uma maior participação principalmente das meninas (não que elas sejam a minoria na participação) em todas as atividades propostas pelo professor, até mesmo aquelas atividades em que teoricamente as meninas não possuem muita ‘habilidades motoras’ (futebol, por exemplo), ou seja, elas serão vista de igual modo com os meninos e poderão participar sem que haja discriminação ou separação por gênero.

Assim de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000, p. 4), sobre as aulas mistas temos o seguinte:

[...] as aulas mistas de Educação Física podem dar oportunidade para que meninos e meninas convivam, observem-se, descubram-se e possam aprender a ser tolerantes, a não discriminar e a compreender as diferenças, de forma a não reproduzir, de forma estereotipada, relações sociais autoritárias.

Isso tudo só ocorrerá após uma intensa conversa entre escola, professores e alunos, para que não haja mais esse tipo de segregação no ambiente escolar, principalmente na educação física, que tem como especificidade os movimentos corporais.

2.4.1 Mapeando a literatura

O discurso sobre gênero já vem sendo debatido desde muito tempo, porém este assunto vem se tornando mais forte quando o debate é inserido no ambiente escolar, visto que, se trata de um momento na vida do ser humano, onde o mesmo começa a ter sua identificação própria. Ao realizar uma pesquisa na literatura que trata de maneira bem específica sobre esse assunto, nos deparamos com alguns autores que vem nos esclarecer algumas dúvidas que são compartilhadas com muitos docentes, principalmente na atualidade.

Segundo alguns autores esta discussão teve início por volta da década de 70, porém no Brasil isso começou a ser analisado a partir da década de 90, onde se criticava muito sobre a separação dos meninos e meninas durante as aulas de educação física. Segundo os estudos de Ribeiro (2012), houve uma sugestão de separação entre meninos e meninas nas aulas de educação física conforme vemos em sua fala.

Nos estudos da Educação Física, realizados entre o fim da década de 1970 e início dos anos de 1980, observa-se que a área sugeriria a separação entre meninas e meninos nas aulas. Nos anos de 1990, no Brasil, as análises de gênero se iniciam no campo de estudos da Educação Física. (RIBEIRO, 2012, p. 51).

Entretanto iniciou-se então um movimento por parte alguns grupos feministas que lutavam por direitos iguais e pela inclusão de maneira igualitária entre os sexos em todos os âmbitos da sociedade. Dentre os direitos que as manifestações feministas buscavam estava o direito à educação, algo que muitas ainda não tinham, dessa forma segundo Sousa (2008), a “[...] luta das mulheres foi marcado pelo direito à educação no século XIX, sobressaindo-se a figura da grande educadora Nísia Floresta” (SOUSA, 2008, p. 141).

É claro que outros direitos também foram conquistados, portanto ao terem acesso à educação, muitas oportunidades surgiram e com isso muitos paradigmas começaram a ser quebrados diante de uma sociedade que vivia um regime patriarcal.

Assim após vários debates e embates sobre a discussão dos direitos das mulheres e sobre as questões de gêneros, podemos perceber que isto parece se tornar um problema social, algo que precisa ser analisado com bastante cautela principalmente

porque de certa forma esta discussão tem chegado dentro do ambiente escolar, local onde se contribui na construção de pensamentos e debates. É notória a importância do movimento feminista, para alcance desses avanços, no qual mulheres decidem se unir para lutar por igualdade entre homens e mulheres, [...]” (SOUSA; MOURA, 2013).

Atualmente as discussões sobre o assunto têm sido cada vez mais em busca de soluções para o debate que visa “[...] analisar de forma mais ampla os processos sociais que marcam e hierarquizam os sujeitos, e nesta dissertação me reporto ao currículo escolar. Este também responsável pela fabricação de gênero, [...]” (SANTOS, 2015, p. 97).

Decorrente destes debates que o currículo escolar vem sendo analisado com muito cuidado, principalmente quando o assunto gênero não é bem compreendido. Não podemos ignorar o fato que essa discussão chegou nas escolas e também nas aulas de educação física, onde nesta pesquisa já mencionamos e que ocorre de maneira mais visível, quando existe a separação de meninos e meninas nas atividades propostas pelos professores da disciplina.

Segundo Altmann (1998, p. 100), sobre esta separação pode causar:

[...] uma generificação das diferenças entre as pessoas, desconsiderando variações no gênero e considerando apenas diferenças de gênero como importantes numa aula; é tornar as fronteiras das divisões de gênero mais rígidas do que de fato são e negar a meninas e meninos a possibilidade de cruzá-las; é furtar-lhes de antemão a possibilidade de escolha entre estarem juntos ou separados.

Quando isso acontece nas aulas de educação física a ideia é que existe não apenas um planejamento escolar, mais sim “vários”, por que o professor acaba tendo que elaborar atividades distintas uma que atenda as meninas e outra que atenda os meninos, quando a proposta da escola ao elaborar um plano de aula seria que atendesse a todos sem que houvesse distinção, seja por sexo, cor ou religião.

Em estudos mais recentes realizados por pesquisadores preocupados com esta questão vamos encontrar o seguinte. “Na Educação Física, a prática esportiva produz influências na organização das aulas, o que culmina na separação total entre meninas e meninos nas atividades propostas” (RIBEIRO, 2012, p. 52).

Dornelles (2009, p. 06), reforça dizendo que esta separação ocorre principalmente quando as atividades a serem trabalhadas pelos professores exigem algum contato físico o que “naturalmente” pode impossibilitar um trabalho eficiente.

E é ao trabalhar o esporte que a necessidade de separar ‘aparece’. Esportes como futebol, futsal, handebol, basquete e outras práticas corporais que, de forma especial, envolvam contato físico são enumerados como definidores de situações em que há dificuldade ou impossibilidade para o trabalho misto - isso pela suposta natureza distinta dos corpos de meninos e meninas, e pelos graus diferenciados de competitividade, movimentação, interesse em determinadas práticas e habilidades a elas associadas.

Recentemente esta discussão chegou à câmara dos deputados, onde além de gerar divisão, gerou também um grande empasse, ou seja, é algo que ainda demonstra certa demora sobre uma real posição referente ao tema gênero e orientação sexual, visto que, para alguns este tema sendo ensinado nas escolas poderia “diminuir” não apenas a discriminação, mas também a violência. Entretanto nada pode garantir isso. Contudo a discussão ainda continua, principalmente após ser sancionado em 2014 pela até então presidente da república, mas alguns Estados ainda não haviam implantado estes temas no Plano Nacional de Educação.

A partir da aprovação do Plano Nacional de Educação-PNE (Lei- nº 13.005 de 25 de junho de 2014), iniciou-se a construção dos correspondentes dos planos dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios e, nesse processo, uma série de temas ganhou significativa visibilidade, dentre eles, o debate em torno da dimensão de gênero e orientação sexual nos planos de educação (BRASIL, 2015).

Contudo vale ressaltar que as pesquisas e debates tende a continuar, até mesmo porque este é um assunto importante e que não fique apenas em uma proposta de aula mista, mas também haja compreensão por parte dos responsáveis tanto Estado, escola e pais que o aprendizado deve ser completo e a vivência das práticas esportivas por parte dos alunos devem englobar o máximo possível o que irá contemplar todos os aspectos do seu desenvolvimento.

3 METODOLOGIA

Sobre a nossa metodologia de pesquisa que foi utilizada para alcançar os objetivos, está descrito abaixo desde o tipo de abordagem utilizada, a característica desta abordagem, o método de investigação, os instrumentos utilizados para a coleta de dados e por fim como foi realizada a análise destes dados. Com isso deixando bem explícito cada detalhe desta pesquisa.

3.1 TIPO DE PESQUISA

Como abordagem para esta pesquisa, optamos por utilizar a metodologia qualitativa, esta que nos permitiu obter detalhes mais específicos em nossa investigação. Sobre o uso desta abordagem nos baseamos no que diz na literatura, sobre a possibilidade de melhor análise e interpretação dos sujeitos pesquisados. Além disso, a pesquisa qualitativa nos ajudou a compreender melhor algumas características do comportamento dos sujeitos e que são mais complexas, visto que, outro tipo de abordagem não nos permitiria chegar a tais conclusões.

A pesquisa qualitativa é uma forma de investigação interpretativa em que os investigadores fazem uma interpretação do que enxergam, ouvem e entendem. Suas interpretações não podem ser separadas de suas origens, historia, contexto e entendimentos anteriores (CRESWELL, 2010, p. 209).

Diante disso ao utilizarmos esta abordagem vamos nos valer de uma breve estrutura para que desta maneira fosse possível alcançar os nossos objetivos durante a coleta de dados e com isso conseguir se possível, respostas para questões importantes que estão detalhadas nesta pesquisa. Baseando-nos no que diz Marconi e Lakatos (2011, p. 271), sobre ter no mínimo uma estruturação. “Na pesquisa qualitativa há um mínimo de estruturação prévia. Não se admitem regras precisas, como problemas, hipóteses e variáveis antecipadas, e as teorias aplicáveis deverão ser empregadas no decorrer da investigação.”

Dessa forma caracterizamos esta pesquisa como descritiva, a mesma que nos permitiu descrever de forma mais detalhada sobre os dados coletados e assim nos inserindo de maneira mais específica nas características de um determinado grupo, que nesse caso foram alunos e professor do ensino fundamental em uma escola da rede pública. Além disso, a pesquisa descritiva propor um estudo mais social.

As pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática. São também as mais solicitadas por organizações como instituições educacionais, empresas comerciais, partidos políticos, etc. (GIL, 1991, p. 46).

Sobre esse tipo de pesquisa encontramos também o mesmo autor reforçando que ela irá identificar algumas variáveis desse grupo que está sendo investigado. Sobre isso Gil (2010, p. 27), define essa pesquisa dizendo que ela, “[...] têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população. Podem ser elaboradas também como finalidade de identificar possíveis relações entre as variáveis”.

Através disso, os dados encontrados nesta pesquisa visa contribuir para que os professores tanto os que estão na ativa, como os que estão em fase de conclusão de curso, reflitam de maneira mais crítica sobre o seu papel diante das atividades realizadas e oferecidas para com os seus alunos, principalmente sobre o tema em questão que é um desafio para o desenvolvimento das aulas de educação física, no qual tem que atender em um mesmo momento tanto meninos quanto meninas e isso tornam as aulas mistas uma oportunidade de transformar este trabalho menos complexo e assim incluindo todos nas diversas práticas corporais de movimento.

Como método de investigação utilizamos a pesquisa de campo, esta que facilitou a nós como investigador ter um contato maior com o nosso objeto de pesquisa de modo mais direto e com isso alcançamos informações que nos tornou viável a responder aos nossos anseios, na posição de investigador diante do fenômeno que acontecia através da observação do campo.

[...] aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles (MARCONI; LAKATOS 2003, p.186).

Para reforçar o autor acima temos uma definição de Ferrari, citado por Barros e Lehfeld (2014, p. 90), sobre a pesquisa de campo não é algo simples, mas precisa ter controle e objetivo e diz o seguinte:

A pesquisa de campo propriamente dita não deve ser confundida com a simples coleta de dados (...) é algo mais que isso, pois exige contar com controles adequados e como objetivos preestabelecidos que discriminam suficientemente o que deve ser coletado.

É importante ressaltar que na pesquisa de campo o pesquisador também pode assumir um papel mais direto em sua investigação, utilizando de técnicas como a

sua participação ou não no processo investigativo. Com isso ele pode obter um número maior de informações que contribuirá em sua análise posteriormente. Assim segundo Barros e Lehfeld (2014, p. 90). “A pesquisa de campo favorece um acúmulo de informações sobre o fenômeno, [...]”.

Entretanto para que tenhamos sucesso em nossa pesquisa de campo é fundamental que saibamos quais e com utilizar os instrumentos de coletas de dados, para que assim possamos alcançar nossos objetivos conforme estabelecidos anteriormente nesta pesquisa.

3.2 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para alcançar nossos objetivos com êxito nesta pesquisa e expormos de maneira detalhada os nossos dados coletados durante a pesquisa de campo utilizamos como instrumentos para a coleta desses dados os seguintes: a entrevista, a observação e também o grupo focal. A utilização dos mesmos nesta etapa da pesquisa foi necessária para que como investigador tivéssemos todas as informações indispensáveis, e dessa forma somadas aos nossos objetivos específicos contribuir para novas discussões no meio acadêmico que possa fortalecer ou minimizar os debates sobre a temática em questão.

No princípio desta etapa usamos como instrumento de coleta a entrevista, esta que foi direcionada para o corpo docente da instituição que serviu como campo de pesquisa.

Sampieri e outros (2003, p. 455), define a entrevista como, “[...] uma conversa entre uma pessoa (o entrevistador) e outra (o entrevistado) ou outras como grupo familiar”.

Outro ponto importante deste instrumento é que para que seu objetivo seja bem sucedido o entrevistador precisa deixar com que o entrevistado esteja à vontade antes, durante e após a entrevista, ou seja, informá-lo sobre questões como a não exposição do seu nome e assim preservando sua identidade. É importante também deixá-lo ciente sobre do que se trata para que o mesmo fique mais relaxado.

Segundo Marconi e Lakatos (2011, p. 280), sobre a questão de confiabilidade entre o pesquisador e o entrevistado ele diz que:

O pesquisador, antes da entrevista, deve informar ao entrevistado sobre o interesse, a utilidade, o objetivo, as condições da mesma e o compromisso do anonimato. É também importante que na conversação o pesquisador demonstre motivação e credibilidade. Além de tudo deve ser prudente.

Assim ao utilizarmos este instrumento de coleta procuramos direcioná-lo para o professor e a pedagoga dessa forma buscar identificar em suas falas qual seria a sua percepção quanto docente diante da nossa temática. Sobre o uso das entrevistas encontramos na literatura que ela permite com que o entrevistador e o entrevistado tenham uma relação mais próxima.

O termo entrevista é construído a partir de duas palavras, entre e vista. Vista refere-se ao ato de ver, ter preocupação de algo. Entre indica a relação de lugar ou estado no espaço que separa duas pessoas ou coisas. Portanto, o termo entrevistado refere-se ao ato de perceber o realizado entre duas pessoas (RICHARDSON, 1985, p. 161).

Entretanto existem dois tipos de entrevistas as estruturadas e não estruturadas. Utilizamos a não estruturada, pois nos permitiu durante nossa coleta de dados modificar quando foi preciso algum tópico ou incluir alguma outra questão que consideramos interessante. Assim sobre esse tipo de entrevista temos. “Nas entrevistas não estruturadas, o pesquisador busca conseguir, por meio da conversação, dados que possam ser utilizados em análise qualitativa, ou seja, os aspectos considerados mais relevantes de um problema de pesquisa” (BARROS; LEHFELD, 2014, p. 108).

Utilizamos também como instrumento de coleta de dados a observação. O uso deste instrumento pelo pesquisador só terá efeito se o mesmo o fizer de maneira correta. Aqui o nosso papel é de apenas como investigador, que nesse momento observamos como se deu o comportamento dos alunos mediante as aulas do professor quando este propôs atividades em que tanto menino quanto menina tiveram que participarem juntos.

É importante ressaltarmos que como um bom observador foi preciso estar atento em todos os detalhes durante esta pesquisa de campo, principalmente porque me encontrava em um local com um grande número de participantes.

Outro instrumento que utilizamos nesta pesquisa foi o grupo focal. O grupo focal foi utilizado com os alunos e como são crianças compreendeu que para alcançar nossos objetivos este instrumento nos deu os resultados esperados.

A técnica de pesquisa com o GF foi descrita e publicada no ano de 1926, em um trabalho de Bogartus, nas Ciências Sociais, como entrevistas grupais. O GF, apesar de ter sido criado e utilizado pelas Ciências Sociais, ficou à margem dessa ciência por vários anos (RESSEL et al., 2008, p. 780).

Sobre o uso desta ferramenta de maneira exclusiva com a criança, vemos autores relatarem em seus estudos que elas são capazes de fornecer argumentos coerentes através da conversa que pode contribuir com seu desenvolvimento social. Sendo este um momento em que se permite com que elas sejam espontâneas e sinceras em suas palavras e ao dá voz para estas crianças o entrevistado se torna mais que um mero adulto diante dela e sim uma pessoas em que ela possa confiar e assim torna-se um parceiro.

Souza e Castro citado por Monteiro e Garanhani (2011, p. 16545) descrevem sobre esta forma de pesquisar uma criança, onde ela compartilha de suas experiências com o entrevistador ao ponto de torna-lo seu cúmplice.

Nessa perspectiva, em vez de pesquisar a criança, com o intuito de melhor conhecê-la, o objetivo passa a ser pesquisar com a criança as experiências sociais e culturais que ela compartilha com as outras pessoas de seu ambiente, colocando-a como parceira do adulto pesquisador, na busca de uma permanente e mais profunda compreensão da experiência humana.

Essa é uma ferramenta que fornece ao pesquisador uma grande possibilidade de alcançar seus objetivos, principalmente se o mesmo estiver com pouco tempo, pois este instrumento permitiu com que fosse feito de maneira bem mais compacta e objetiva. Mas segunda a literatura grupo focal se trata de, “[...] uma modalidade de entrevista, estabelecida de acordo com um roteiro que tem o propósito de atingir os objetivos pretendidos pelo pesquisador” (OLIVEIRA, 2007, p. 4).

Outro autor para reforçar o citado acima diz que é realizado sempre em grupo reduzido de pessoas o que facilita para o investigador, onde ele consegue ter um controle melhor:

Grupos focais é um grupo reduzido de pessoas com as quais o pesquisador discute sobre o problema a ser investigado, de modo a obter mais informações sobre ele, dar-lhe um foco, um afunilamento, bem como uma direção ao conteúdo dos instrumentos de coleta de dados (VERGARA, 2004, p. 56).

Algumas características importantes neste instrumento é que não necessita de muitos recursos financeiros e o entrevistador precisa manter um contato bem próximo com o grupo para manter um diálogo aberto e franco.

O moderador deve estabelecer relação com os participantes, manter ativa a discussão e motivar os respondentes a trazerem à tona suas opiniões mais reservadas. Além disso, o moderador pode desempenhar um papel central na análise e interpretação dos dados. Portanto, ele deve ter habilidade, experiência e conhecimento do tópico em discussão e deve entender a natureza da dinâmica do grupo (MALHOTRA, 2006, p.158).

Vale destacar que o pesquisador precisa ter total controle sobre a situação, para que ocorra tudo conforme estabelecido e os sujeitos da pesquisa se sintam confiantes e seguros durante as entrevistas.

3.3 SUJEITOS DA PESQUISA

Nossos sujeitos da pesquisa foram alunos e parte do corpo docente escolar. Foi realizado em uma escola pública localizada no município de Cariacica, fundada em 20/02/2004 que atende ao bairro Novo-Horizonte, onde ali é ofertado em três turnos o ensino fundamental do (1º) primeiro ao (5º) quinto ano. Esta escola tem o total 486 alunos matriculados nos três turnos, sendo importante também relatar que a escola atende a três alunos com tipos de deficiência diferentes, mesmo assim a instituição tem conseguido dá apoio para estas crianças.

A faixa etária dos alunos matriculados nos turnos matutino e vespertino varia entre 6 e 15 anos(contando os alunos reprovados).

Para a realização da nossa coleta de dados e posteriormente efetuarmos nossa análise dos resultados obtidos nesta pesquisa escolhemos trabalhar com as duas turmas do (4º) quarto ano A/B. As aulas de educação física acontecem duas vezes por semana, terça e sexta feira, com duração de 50 minutos, as duas turmas são mistas e tem faixa etária entre 8 e 11 anos, o 4º (A) possui 22 alunos inclusive um com deficiência motora, o outro 4º (B) possui 21 alunos matriculados.

Vale ressaltar que para esta pesquisa chegasse ao resultado esperado, foi fundamental a colaboração dos sujeitos desta pesquisa, visto que foi acordado entre o investigador e os pesquisados que usaremos nomes fictícios para preservar as suas identidades e com isso validar nossa pesquisa.

3.4 CAMINHOS METODOLOGICOS

Foram realizadas observações das aulas com as duas turmas do quarto ano A/B. Com o intuito de perceber se nas aulas de educação física as questões relacionadas a gênero aparecem, as observações foram registradas através de um roteiro e um diário de campo em um primeiro momento de maneira sucinta para depois serem detalhadamente transcritas, para o desenvolvimento desta pesquisa. O intuito era

observar e comparar duas escolas do ensino fundamental, onde uma era particular e a outra pública com a intenção de responder algumas indagações, porém como o tempo para a realização da mesma era curto optamos em realizar apenas em uma instituição, que neste caso foi à instituição pública, essa mesma que já relatamos anteriormente.

Em nosso primeiro contato com a instituição foi para apresentar a proposta da pesquisa e os documentos que comprovasse o esboço. Após a autorização da diretora as observações foram realizadas duas vezes por semana nas terças e sextas feiras. As aulas aconteciam sempre na quadra, o professor se mostrou bastante empenhado em suas aulas, porém após algumas aulas em observação aconteceu um imprevisto com o professor, e o mesmo em função a isso precisou ser afastar por um período por motivos pessoais. Com isso ficamos a espera do mesmo, pois sua licença era de um mês, tendo em vista que o nosso trabalho consistia em acompanhar e observar as suas aulas. Mesmo com sua ausência seguimos dando continuidade nesta pesquisa e aguardando o retorno do professor para proceder com as entrevistas, porém o estado de saúde de sua filha foi se agravando, e em consequência a isso o professor precisou prorrogar seu prazo de licença e não retornou para a escola até a data final da nossa saída do campo.

Realizamos as observações que foi uma estratégia metodológica nossa a ser seguida, que no primeiro momento observamos as aulas e depois realizaríamos a entrevista para que não houvesse uma Influência na postura do professor em relação às aulas. Realizadas as observações com a presença do professor. Devido as suas faltas que foram constantes ele acabou sendo substituído pelas professoras regentes das turmas. Sem sua presença as observações se resumiram em repetição de cenas, pois os alunos se separavam por sexo em determinados grupos e assim toda aula seguia nessa linha.

Resolvido às questões das entrevistas e das observações, outra etapa dessa pesquisa se consistiu na realização do grupo focal e para este foi necessário encaminhar um documento para os responsáveis dos alunos, para que os mesmos pudessem autorizar a participação de seus respectivos filhos no processo desta pesquisa, o documento enviado foi uma carta de consentimento detalhando todo o objetivo da pesquisa. Com isso, tendo essas autorizações em mãos iniciamos com o grupo focal, no qual foram selecionados 7(sete) alunos entre meninos e meninas. O

critério de escolha dos alunos para participarem deste grupo focal partiu do enderece deles mesmos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Uma das nossas principais inquietações diante desta pesquisa era identificar se e como as questões de gênero são trabalhadas no ambiente escolar nas séries iniciais do ensino fundamental, visto que nos encontramos em uma época na qual o tema desta natureza é pouco ou quase nunca é abordado dentro das escolas, e com isso buscamos também dialogar com o que a literatura nos mostra sobre o tal assunto. Assim, esta pesquisa foi uma tentativa de responder algumas indagações sobre a temática de gênero no ensino fundamental e neste tópico apresentamos os resultados dos dados coletados durante todo o processo desta pesquisa.

É importante destacar que durante todo o nosso processo de coleta de dados surgiram algumas outras questões além das que tínhamos como objetivo para esta pesquisa, além disso, em certo momento da coleta de dados o professor teve que se ausentar da escola deixando a responsabilidade da disciplina por conta da mesma que por sua vez designou para esta função a professora regente, o que nos privou de realizar com o mesmo a entrevista a qual já estava planejada. Mesmo assim buscamos concluir a nossa coleta de dados sem que o cronograma e nossos objetivos fossem alterados. Diante disso foi possível perceber que a instituição em questão não se preocupou em contratar um professor substituto que pudesse dá seguimento no planejamento do professor titular.

Como não foi possível realizar a entrevista com o professor de educação física, iniciamos nossa discussão dos dados coletados com as nossas observações que foram realizadas durante todas as aulas, desde as que o professor titular ministrou, quanto as que a professora regente conduziu. Lembrando que nossa intenção não é fazer qualquer tipo de comparação entre os profissionais, mas sim trazer os elementos que foram pertinentes para esta pesquisa.

4.1 RELAÇÕES DE GÊNERO NO COTIDIANO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Em nossas observações um ponto importante que podemos analisar foi à maneira como o professor de educação física vinha trabalhando em suas aulas, ou seja, a forma como ele conduzia (pelo menos durante nossa pesquisa) as atividades, nas

quais foi possível notar que o mesmo tem trabalhado de maneira que as suas aulas sejam consideradas aulas mistas. Ou seja, ele procura fazer com que tanto os meninos, quanto as meninas estejam participando juntos nas mesmas atividades. Sobre a importância do trabalho com aulas mistas realizadas pelo professor e dialogando com a literatura encontramos o seguinte relato de autores importantes que descrevem que a intenção é permitir atividades que sejam feitas por ambos os sexos. De acordo com Duarte e Oliveira (2006, p. 2), as “[...] aulas mistas na educação física tem o intuito de priorizar as atividades para ambos os sexos, [...]”.

Este tipo de aula tende a valorizar não apenas as práticas esportivas para que todos possam experimentá-la, mas também em fortalecer a ideia de que a discriminação por sexo deve ser algo do passado e não fazer parte do ambiente escolar, principalmente às práticas onde historicamente teve um ‘domínio’ masculino como o futebol, por exemplo, onde demonstra que, “[...] o principal empecilho para a prática do futebol feminino refere-se ao discurso preconceituoso e estereotipado transmitido ao longo do último século [...]” (JÚNIOR; DARIDO, 2002, p. 2).

Partindo do entendimento dos autores citados acima percebemos que ao observar as aulas do professor elas demonstravam um caráter de coletividade e interação entre os alunos, onde o mesmo ministrava as atividades de maneira que permitia com que tanto menino como menina participassem juntos das práticas. Fazendo isso contribui para que se rompa com o paradigma de que existem práticas corporais a serem praticadas separadamente em decorrência do sexo. Portanto mesmo que o professor tivesse a intenção de trabalhar em suas aulas objetivando uma aula mista, presenciamos que o mesmo não conseguia manter esta estratégia de ensino e fazer com que os seus alunos se envolvessem nas atividades ao mesmo tempo em que de maneira crítica pensassem em seus movimentos durante as atividades propostas.

Entretanto ao observarmos uma das atividades ministrada pelo professor, ante que o mesmo se ausentasse testemunhei um fato que me chamou bastante atenção. Tratava-se de uma atividade bastante dinâmica que buscava envolver todos os alunos e que tinha como objetivo passar por alguns obstáculos elaborados pelo professor, aonde quem chegasse primeiro em um local pré-determinado por ele mais rápido seria tido com ‘vencedor’. Contudo no decorrer da brincadeira foi possível ouvir um dos alunos considerar aquela atividade ‘fácil’, pois o mesmo iria ‘enfrentar

uma menina o que demonstra que esta questão de determinar quem é melhor que o outro se encontra enraizado, onde desde muito cedo já se tem esta ideologia de que os meninos são melhor que as meninas.

Assim segundo a fala do aluno ele diz que. “Há ficou fácil, quem não ganha de menina” (ALUNO). Isso só reforça o discurso preconceituoso que ainda existe em boa parte da sociedade. Porém quem acabou ‘ganhando’ foi à menina mostrando que para se alcançar um objetivo nem sempre é determinado por ser menino ou menina existem outros fatores que implicam em superar os obstáculos da vida.

No entanto diante desta fala percebemos aqui que houve por parte do professor certa negligência, onde o mesmo ao invés de intervir na fala do aluno, considerou uma situação ‘engraçada’ ao rir e o mesmo disse o seguinte para o aluno, “[...] você não falou que seria fácil porque perdeu então?” (PROFESSOR). Esta é uma atitude, onde demonstra certa contradição em algumas propostas elaboradas pelo professor.

Diante deste fato, podemos percebemos que o professor em uma simples frase acaba por reforçar uma postura estereotipada e dessa maneira fortalece o conceito de que menina é mais fraca que menino e a escola como um local onde não deveria existir este tipo de postura tornam-se um ambiente bastante complexo quando se trata deste assunto.

Segundo Souza e Leão (2008), sobre a postura da escola eles dizem que:

A escola não é responsável pelos estereótipos, mas funciona como uma agência de socialização a fortalecê-los. Portanto, por meio de seus valores ocultos ou declarados ajuda a valorizar certos padrões de conduta, ou seja, na infância, já se pode observar clara diferenciação na educação dos dois sexos (SOUZA; LEÃO, 2008, p. 4).

Por outro lado vamos encontrar na literatura alguns autores discorrendo que em alguns momentos os professores acabam por terem este tipo de postura em suas aulas.

De acordo com Sousa, Altmann e Saraiva citado por Devide e Jesus (2006, p. 129), este tipo de postura por parte dos docentes acontece quando os mesmo divide a suas aulas em duas partes, uma para os meninos e outra para as meninas, ou quando simultaneamente separa o ambiente (quadra), assim temos o seguinte.

Na realidade, estes docentes tendem a receber a turma com alunos e alunas e dividirem o tempo de uso do espaço físico, reservando uma parte da aula aos alunos e outra às alunas; ou simultaneamente, de um lado da quadra os alunos e do outro lado alunas, fazendo atividades separadas,

contribuindo para a reprodução da naturalização das diferenças de gênero entre os sexos [...].

Duarte e Mourão (2007, p. 52) vai reforçar o citado acima sobre esta divisão tanto de tempo como de espaço entre meninos e meninas durante o mesmo período de aula de educação física vem dizendo que, “[...] quando a escola possuía mais de um espaço destinado às aulas de educação física, os meninos ficavam em um espaço e as meninas em outro. E quando só existia um espaço para as aulas, o tempo das aulas era dividido [...]”.

Muitas das vezes é algo que acontece sem nenhuma intenção, mas este tipo de situação pode ocorrer caso o professor ainda tenha isso muito enraizado em si mesmo e neste caso em específico isso apareceu muito em sua postura, quase que algo naturalizado no que respeito às questões de gênero.

Analisando de uma forma mais crítica sobre a postura do professor em relação as suas aulas mistas percebemos não houve nenhum avanço, pois as aulas mistas já é um pressuposto existente nos currículos que devem ser seguida, é em suas aulas não conseguimos identificar nenhum elementos de aulas co-educativas porque não é simplesmente juntar os alunos que haverá um trabalho co-educativo, nas aulas mistas os alunos não leva em consideração a diversidade social.

A co-educação considera a igualdade de oportunidades entre os gêneros, porém, é importante destacar que escola mista não possui o mesmo significado da escola co-educativa. Neste sentido, para esclarecer os caminhos da co-educação em educação física, convém assinalar que esta disciplina não aborda a igualdade entre os sexos, e sim a equidade, tendo como objetivo criar um clima tal que permita o desenvolvimento integral: afetivo, social, intelectual, motor, psicológico, sem o prejuízo em relação ao gênero, ou seja, uma escola para a formação do sexo feminino e do sexo masculino que valorize as diferentes contribuições e habilidades independentes de sexo. (COSTA; SILVA, 2002, p. 48).

Com isso cabe o professor problematizar suas aulas e procurar mecanismos para os alunos desenvolver capacidade de compreender a diversidade existente no cotidiano.

Outro ponto que foi possível compreender através das observações é que nessa fase eles já se veem atraídos pelo sexo oposto, então preferem se afastar o que acaba por reforçar esta divisão entre meninos e meninas tudo isso para não parecerem que são namorados, por isso muitos evitam andarem juntos. Para alguns é motivo de serem ‘zuados’ pelos colegas, provavelmente este é um dos motivos de evitarem este contato tão precoce.

Sobre isso vemos na literatura dizendo o seguinte que quando:

[...] meninos e meninas são vistos juntos, é comum ocorrerem comentários pejorativos ou “gozações” entre outros colegas, como chamando-os de namorados ou questionando sua sexualidade por a atividade ser considerada feminina ou masculina (SOUSA; ALTMANN, 1999, p. 62).

E quando a aula estava no fim um menino, de outra turma apareceu e entregou uma cartinha para uma aluna do quarto ano A, então todos da turma começaram a cantar, “[...] tá namorando, tá namorando [...]” (ALUNOS). Como o sinal já tinha batido o professor não se envolveu no ocorrido.

Observamos também que nesta idade as meninas já fazem o uso de maquiagem e outros artifícios para se embelezar, dando a entender que querem parecer mais velhas do que realmente são, em todas as aulas conseguimos observar a presença de um batom ou maquiagem no rosto das meninas.

No dia 24/03/2017, ao observar outra aula preparada pelo professor, ele propôs uma brincadeira bastante divertida que foi um pique bandeira, esta é uma atividade bem simples e o que requer dos participantes é que os mesmos consigam efetuar movimentos ou habilidades básicas como, por exemplo, correr. Nisto após a explicação da atividade o professor dividiu a turma em dois times e aqui já notamos que houve por parte do professor uma atitude sexista, mesmo que não sendo de maneira proposital, pois a divisão que ele fez foi meninos de um lado e meninas de outro, deixando eles no ataque em busca da bandeira e elas na defensiva para proteger a bandeira de seu time, dessa forma é perceptível que acontece uma separação de gênero nos pequenos detalhes dentro da atividade por mais simples que ela seja. Comportamentos como este demonstra que esta situação precisa ser desconstruída por meio de intensos diálogos entre os docentes envolvidos nesta construção. Outro fato que se percebe diante desta situação é o reforço no que diz respeito ao preconceito de gênero, sendo algo tem sido culturalmente considerado ultrapassado.

Sobre isso e dialogando com a literatura encontramos alguns autores reforçando a ideia de que um dos pontos que pode ser responsável por existir ainda nos dias atuais este tipo de preconceito se dá pelo fato de que historicamente os meninos se sobressaem em relação às meninas por apresentar em alguns momentos uma melhor desenvoltura corporal, principalmente em práticas no qual requer um pouco mais de força física.

De acordo com Cruz e Palmeira (2009) eles dizem que:

[...] a Educação Física muitas vezes auxilia na consolidação desses conhecimentos deturpados, pois a inculcado na sua cultura, pseudo-superioridade masculina, devido aos meninos apresentar maior desenvoltura no desenvolvimento de atividades física. Entretanto, sabe-se que tais diferenças provem de um maior repertório motor dos meninos, em consequência no maior numero de vivenciadas realizadas por eles (CRUZ; PALMEIRA, 2009, p. 117).

De acordo com os autores citados acima isso ocorre porque os meninos vivenciam muito mais que as meninas, no que tange as práticas corporais, dessa forma eles conseguem ter uma habilidade motora melhor que as meninas, mas é claro que esta situação não vale para todas as práticas.

Os mesmos autores acima citado vem reforçando dizendo que:

Os meninos, na maioria das vezes, se sobressaem na realização de atividades físicas, principalmente quando envolve um grau elevado de complexidade dos movimentos. Esse vasto repertório motor, apresentado pela maioria dos meninos é consequência das diversificadas experiências corporais vivenciadas por estes desde a sua infância (CRUZ; PALMEIRA, 2009, p. 117).

Na semana seguinte ao realizar outra observação fui informada que o professor não havia comparecido na instituição então como tinha um cronograma a seguir decidi acompanhar a aula da mesma forma, entretanto para minha surpresa quem ministrou neste dia foi à professora regente. Fiquei intrigada, mas como a aula já havia iniciado eu decidi por não interromper no que ela havia planejado para o dia. Neste caso ficou mais fácil notar que escola tem uma postura comum, no que diz respeito à separação dos alunos por gênero. A proposta da professora foi permitir com que os alunos ficassem na quadra, onde a mesma ficou delimitada em uma parte para os meninos e outra para as meninas.

Nesta aula em específico alguns dos meninos ficaram jogando bola, o que demandou bastante tempo da aula, enquanto que algumas meninas ficaram fazendo outras atividades como pulando corda, nisto outros dois grupos ficaram mais separados brincando com uma bola de basquete. Nesse momento me aproximei de um pequeno grupo de meninas para saber o que se passava naquele momento com elas, assim de maneira bem descontraída procurei saber o motivo pelo qual elas não estavam jogando bola com os meninos, até mesmo porque esta deveria ser uma aula onde a oportunidade deveria ser dada a todos.

E elas responderam o seguinte: “Que não gostavam [...]” (ALUNAS). Então perguntei aos meninos se eles não deixavam as meninas jogarem bola com eles, por que elas estavam sem fazer nada na aula de educação física. Eles me responderam o seguinte. “Elas não pedem e também não sabem jogar” (ALUNOS).

Ou seja, o argumento deles era de que para que as meninas participassem do jogo caberia a elas se ‘oferecerem’ para jogar, mesmo que na fala delas demonstrassem certa falta de aproximação com a modalidade, isso demonstra que na ausência de um mediador nas aulas de educação física fica claro que esta questão de separação por gênero se torna muito mais visível, claro que o fato do professor está presente não significa que isso não vai acontecer, mas a possibilidade de uma maior interação entre os sexos poderá ser maior.

Conduto sobre a importância do professor de educação física durante as aulas, encontramos alguns autores comprovando que o mesmo tem um papel importante, principalmente para mediar na participação não só dos meninos, mas também das meninas em todas as atividades propostas. Segundo Costa (2013, p. 16) ele diz que a “[...] intervenção do professor são adaptadas as regras de algum jogo ou esporte como recurso para evitar a exclusão de meninas, desconsiderando a articulação do gênero [...]”

Em relação à outra turma não houve muita mudança de comportamento dos alunos sobre a participação de meninos e meninas na mesma atividade, pois os mesmos fizeram essa separação. Na outra semana quando cheguei à instituição vimos que as turmas estavam juntas, pois mais uma vez o professor havia faltado então naquele dia eles não teriam aula de educação física, e conseqüentemente não pude observar a aula, a diretora me chamou e informou o real motivo da ausência do professor, e me mostrou uma liminar de afastamento do mesmo com um período de um mês. Com isso as observações se basearam em acompanhar e descrever as mesmas atividades e sobre essa separação de gênero durante as aulas em quadra.

Diante do exposto e dos episódios acontecidos e dos problemas que ocorreram e que também já foram relatados, essas cenas ou similares a essas se repetiram em outros momentos. De maneira geral podemos resumir então que os próprios alunos fazem essa separação em quadra com atividades específicas para cada grupo. E quando havia interação dos meninos com as meninas era no sentido de paquera ou de brigas.

Conduto que foi apresentado por meio das observações realizadas algo que nos deixou bastante inquieto foi que mesmo após algum tempo da ausência do professor de educação física a escola não se prontificou em colocar outro profissional em seu lugar, o que nos leva a compreender que o compromisso em ensinar questões que são pertinentes para o desenvolvimento e crescimento intelectual dos alunos durante as atividades, não parece ser algo de tanta importância para a escola. Este posicionamento da escola vai refletir mesmo que indiretamente nos alunos e na sociedade, visto que a educação física é uma disciplina que tem como característica as práticas corporais ela também permitiu com que haja aproximação de todos e com as várias vivências.

4.2 GÊNERO E A ABORDAGEM PEDAGÓGICA DA ESCOLA

Para ter uma compreensão maior sobre a temática de gênero no contexto escolar direcionamos algumas perguntas para a pedagoga da instituição com intuito de analisar como é o seu entendimento a respeito desta questão em sua gestão. A pedagoga tem sua formação em educação física desde 1998 e em 2012 concluiu a sua segunda graduação em pedagogia. Em nossa entrevista ela responde as seguintes perguntas.

Em nossa entrevista perguntamos para a pedagoga como eram tratadas as questões de violência de gênero, homofobia, sexismo e como estes temas fazem parte do contexto escolar. Perguntamos também qual é o posicionamento da escola em relação a tal assunto. Sobre isso ela respondeu o seguinte.

Sim. Quando há necessidade é abordado, discutido e falado com os alunos sim. Hoje escola não vivenciou fatos que implicarem na ação por partes dos alunos ou funcionários na questão de gênero, por essa razão não vimos à necessidade de abordar esse assunto de uma forma mais abrangente. Porém os professores tem no início do ano letivo orientações de trabalharem com seus alunos o respeito e as diferenças de todos os indivíduos (PEDAGOGA).

Analisando a fala da pedagoga podemos perceber que a escola não tem um trabalho preventivo em relação às questões citadas à cima, o que contribui para que situações de violência sejam cada vez mais comuns no dia a dia das escolas. Em muitos casos as escolas esperam que haja algum conflito de gênero para que possa intervir no assunto, sendo que deveria acontecer uma antecipação dos fatos e não

esperar que as crianças sofram qualquer tipo de violência seja por palavra ou física para que a mesma possa agir sobre o ocorrido.

Outro assunto questionado a pedagoga diz respeito à separação de meninos e meninas nas aulas, pois essa foi uma cena que se repetiu com bastante frequência. Partindo das observações questionamos: Qual a postura da escola em relação a esse tipo de separação?

Isso fica mais explícito na aula de educação física. Porque o ambiente é diferenciado, onde as crianças têm mais liberdade de expressão estando em um espaço aberto, e existem as questões das atividades recreativas, atividades corporais e acabam que o aluno explicita mais essa questão. Então cabe o professor na sua aula intervir essa situação. E quando a um diálogo com a pedagoga aí a escola já passa refletir melhor essa questão. Mais a responsabilidade dessa separação cabe o professor. Como ele se ausentou da sua função deixamos as aulas de educação física livres para os alunos brincarem até chegar um profissional da área (PEDAGOGA).

É papel da escola não ocultar fatos e sim ensinar os alunos a serem críticos e terem respeito com as diferenças, questionar problemas, trazer para a base onde os alunos estão inseridos. Para que desde cedo eles já tenham uma maior compreensão de como é o mundo, através dessas diferenças, pois não somos iguais.

Infelizmente a escola não pode se tornar neutra sobre esse assunto o que se espera das escolas é que através do conhecimento sobre o assunto elas possam analisar, discutir e dialogar com seus alunos sobre essas questões para assim construir novos significados através da prática docente.

Podemos perceber que nesta escola a gestão não se atenta para a questão da sociedade, pois na fala da pedagoga ela alega que esse conflito de gênero não acontece na escola, por isso não há necessidade de dialogar com os alunos, essa nos parece ser uma fala equivocada, pois, durante as observações foi muito fácil perceber essa desigualdade de gênero nesta instituição até mesmo nas organizações das filas, onde existem duas filas para a mesma turma, uma de meninas e outra para os meninos. Conseqüentemente a sociedade de uma forma em geral já possui uma noção dos papéis que desejam assumir e com as crianças não é diferente, o que vê em casa ou até mesmo na comunidade onde moram, pois elas estão inseridas nesse meio e na escola as crianças expressam isso com muita naturalidade.

Isto fica evidente na fala de Pereira (2009), onde o mesmo descreve sobre a evidencia que existe sobre a questão de gênero no ambiente escolar.

É evidente que a diversidade de gênero está presente no cotidiano escolar, pois a escola é frequentada por meninos e meninas, homens e mulheres que obviamente são diferentes, têm desejos diferentes, anseios diferentes, e ninguém pode negar isso nem querer mudar ou uniformizar homens e mulheres. (PEREIRA, 2009, p.23).

Então de acordo com o citado acima podemos entender que o cotidiano escolar de uma maneira ou outra acaba por reproduzir as desigualdades de gênero cada vez mais trazendo o reflexo da sua sociedade para dentro dela. Pois nossos corpos dita nossa identidade com isso Louro (2010, p. 14), relata o seguinte:

Nossos corpos constituem-se na referência que ancora, por fim, a identidade. E, aparentemente, o corpo é inequívoco, evidente por si/ em consequência, esperamos que o corpo dite a identidade, sem ambiguidades nem inconstância. Aparentemente se deduz uma identidade de gênero, sexual ou étnica de “marcas” biológicas; o processo é, o no entanto, muito mais complexo, e essa dedução pode ser (e muitas das vezes é) equivocada. Os corpos são significados pela cultura e são, continuamente, por ela alterados.

Sendo assim com a ocultação desses assuntos no ambiente escolar acabam por gerar um maior desentendimento o que pode tornar estas crianças menos tolerantes umas com as outras, ate mesmo porque sabemos que a escola é um espaço destinado para ensinar através dos códigos e suas linguagens e os alunos estão ali para aprender, porém se a escola se comprometesse em estimular mais as crianças tanto no conhecimento social e cultural haveria uma troca de aprendizagens múltiplas tanto do aluno quanto do professor podendo ambos aprender juntos, e realizar essa transformação social que infelizmente ainda falta nas escolas.

A escola tem por missão aproximar alunos e alunas do pensamento científico, para proporcionar-lhes conhecimentos e desenvolver sua inteligência, e costuma cumprir esta missão com rigidez própria de uma manifestação dogmática (MORENO, 1999, p, 17).

Compreendemos que a discussão de gênero na educação deve ser conduzida de modo que não interfira na identidade do aluno, por isso o papel da escola é que durante todo esse processo de construção do ser esses assuntos possam ser debatidos, com o intuito de socializar os alunos com as diferenças e não ocultar.

Numa cena que nos recordamos em um dos momentos da observação em que estivemos na escola foi que, quando chegamos à instituição para realizar a observação da aula que acontecia logo após o recreio, e ficamos impressionadas com o modo que uma professora tratou sua aluna, a mesma estava chorando muito

e com um ralado na perna e a professora brigando falou “[...] para de chorar você que procurou se machucar nunca vi menina ficar jogando bola com os meninos! ainda mais no recheio” (PROFESSORA). Então e nessas simples frases enraizadas do dia a dia e no cotidiano escolar que acabamos por produzir certos estereótipos, nossa análise desse fato é que a criança não procurou se machucar, apenas estava brincando como outra qualquer. Pois além da escola não trabalharem as questões de gêneros, a própria fala dos docentes muitas vezes vem reforçando os estereótipos existentes em nossa sociedade.

As relações de gênero imprimem os significados nos corpos, construindo as habilidades esperadas tanto para meninas, quanto para meninos. Assim, é possível perceber como o corpo, mesmo seus aspectos biológicos, é influenciado pela cultura, e, mais do que influenciado, formado por cultura e expressão dela (CORSINO, 2012, p. 5).

Então e necessário romper com certos preconceitos enraizado do nosso dia a dia havendo um dialogo mais abrangente dentro das escolas. Para que o respeito múltiplo venha dos dois lados.

A educação tem entre suas funções a transmissão de modelos culturais, valores e concepções; com eles, determinados padrões de conduta, modelos de pensamentos. A escola parece ter um papel – científico, pedagógico- considerado neutro nesse processo, dissociado de preconceitos de gêneros/sexismo, mas não tem. Ela colabora, e muito no esclarecimento do que é ser menino(a), muitas vezes de forma dissimulada, por meio de gestos, posturas que transmitem sistemas de pensamentos e atitudes sexistas (VIANNA, 2003, p.48).

Vianna nos mostrou um pouco de como a educação tem essa função já enraizada em transmitir padrões para serem seguidos. Com isso a escola acaba reforçando essa relação dos comportamentos das crianças no seu dia a dia. Devemos nos aprofundar dos estudos realizados sobre a temática e tentarmos de alguma forma mudar essa situação nas escolas, buscando criar mecanismo isolados ou com parceria para reverta essa situação, pois em pelo século XXI esses temas transversais não estão inseridos nas intuições de ensino e isso é um atraso e uma forma de ocultar conhecimentos acerca da diversidade universal para as crianças.

4.3 GÊNERO: O QUE PENSAM AS CRIANÇAS

Nesse tópico tratamos de abordar e discutir o entendimento dos alunos em relação às aulas de educação física e sua compreensão em relação às questões de gênero. Levando em consideração as observações feitas anteriormente, pois após a

ausência do professor foi possível perceber que sem a sua presença as aulas acabaram por se tornar segregadas, pois os próprios alunos acabavam por realizar a separação das atividades entre meninos e meninas e como não havia uma intervenção de um profissional da área as aulas acabavam por se tornar 'aulas livres'. Este era o tipo de comportamento por parte dos alunos ao chegarem à quadra poliesportiva. E a partir das observações conseguimos compreender que a postura da escola tem grande influência no comportamento dos meninos e das meninas. Por que a ação do professor influenciava na medida em que suas aulas eram juntas considerando assim aulas mistas, e sem sua presença as aulas se tornarão segregadas e a escola reforça essa separação, ao invés de trabalhar as questões de gênero, visto que a escola se pauta pelo caminho de evitar conflitos e prefere ocultar esse debate. Portanto em algum momento da nossa entrevista sobre esta situação, uma aluna nos relatou que. "A pedagoga falava para elas não terem contato físico com os meninos, para elas brincarem separadamente" (MILLA).

Para um maior entendimento sobre essa separação a imagem abaixo deixa evidente o posicionamento dos mesmos após a ausência do professor de educação física.

Figura 1 Segregação dos alunos



Fonte: Acervo pessoal (2017).

Para a realização do grupo focal com alunos fizemos em um momento em que não intervisse nas aulas de educação física, para que não houvesse tumulto por parte dos demais alunos que não estavam participando deste momento. Para

preservarmos as verdadeiras identidades dos alunos concordamos em usar nomes fictícios, onde os mesmos foram escolhidos pelos próprios alunos. Assim as meninas serão identificadas como: Anitta, Aline Barros, Milla, Simone e Simaria. E os meninos foram identificados como: Neymar e Messi.

Nossa primeira pergunta visou compreender o entendimento das aulas de educação física e o que eles achavam. De uma forma geral eles gostam muito das aulas, porque e nesse momento que eles brincam se divertem e onde eles aprendem coisas novas através do se movimentar. Podemos notar também a euforia deles quando o professor chegava à sala, onde todos já se levantavam e formavam as filas que iriam para a quadra para que não perdessem tempo.

Porém na compreensão dos alunos ainda sim existem brincadeiras de meninos e de meninas, ou seja, brincadeiras específicas para cada sexo, e quando envolve a bola essa separação é evidente, pois como o futebol é o esporte preferido de boa parte dos brasileiros os meninos adoram essa modalidade e chegam a ficar uma aula inteira jogando entre eles, sem deixar que as meninas vivenciem.

Quando perguntamos para as meninas o real motivo delas não jogarem com os meninos Anitta, nos relatou o seguinte “[...] eu em minha opinião e porque eu tenho medo de perder e eles ficarem zutando da nossa cara eu até gostaria de jogar mais tenho medo de me machucar, mas em casa eu brinco com meu irmão pequeno” (ANITTA). Outra aluna também relatou sobre a violência dos meninos no jogo.

A gente não joga bola com os meninos porque, eles chutam a bola forte. E os meninos não sabem colaborar com as meninas, os meninos querem brincar de bola a gente quer brincar de queimada e o mal dos meninos Júlio, Guilherme e Carlos e que só sabem brincar chutando forte e eles não aceita perder (SIMARIA).

Para compreender o real motivo das meninas não estarem jogando junto com os meninos apesar da força que elas relataram que os meninos usam durante a brincadeira e dialogando com a literatura encontramos o que é definido por Jesus e Deive,(2006), que as meninas costumam alegar que essa força traduzida pela brutalidade dos meninos se vê como ameaça a lesão física durante a prática esportiva.

Ouvimos o parecer de alguns deles sobre as meninas não jogarem bola com eles, já que o futebol é a paixão nacional. Segundo a fala de um dos meninos, temos o seguinte. “As meninas não jogam bola com a gente por que elas não sabem jogar, e

por que elas não querem, e pra elas tudo e bater da tapa se jogarmos a bola forte nelas elas choram e fala com a professora ou bate na gente” (MESSI).

Então no entendimento dos meninos as meninas não sabem jogar futebol como eles. Porém percebendo o desenvolvimento do jogo deles podemos perceber que eles também não têm uma organização de jogo. Pois vão todos em cima da bola e é a maior confusão.

Dessa forma, dialogando com Papalia e Feldman (2013) a tendência é que os meninos sejam mais agressivos comparados com as meninas em relação as brincadeira. Como elas não são encorajadas a experimentarem determinadas modalidades e outros movimentos a tendência é que as mesmas se tornem menos motivadas e com isso vão ficando com medo dessa agressividade física demonstrada nas brincadeiras pelos meninos.

A tendência dos meninos a serem mais ativos e fisicamente agressivos comparados com os estilos de brincadeiras mais sustentadoras e afetuosas são prováveis contribuições para a segregação de gênero. Meninos brincam espontaneamente nas calçadas, nas ruas ou em terrenos vazios; meninas tendem a escolher atividades mais estruturadas e supervisionadas por adultos (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 300).

Então as meninas evitam jogar por anseio ou falta de encorajamento, com isso a falta de um trabalho na perspectiva do co-educativo nas aulas de educação física só vem se agravando com o passar do tempo, porque caberia ao professor realizar um trabalho eficiente colocando essas questões dentro de seus planejamentos de aulas para que com as discussões os alunos possam refletir sobre seus atos, pois se os meninos chutam com uma força que tende a machucar as meninas seja, proposital ou não, isso deve ser equilibrado entre eles, para que os mesmo se tornem conscientes de seus atos e assimilar suas atitudes em relação ao meio. O argumento usado por alguns meninos para que as meninas não joguem com eles e o fato das mesmas não jogarem bem, entretanto dificilmente elas terão esta oportunidade de jogarem com eles, pois sempre são deixadas de fora e com isso elas terão dificuldade em melhorar suas habilidades. Esta relação pode ser minimizada através das aulas, basta o professor propor esse dialogo, porque se não existir um trabalho nessa perspectiva os alunos dificilmente não saberão sobre estas diferenças existentes entre eles e assim sempre reforçando com o paradigma de que os meninos são mais habilidosos em determinadas práticas do que as meninas. Outro ponto que percebemos foi que as meninas evitam esse contato com os

meninos nos jogos para não serem constrangidas por parte dos meninos, e nem para parecerem “namorados” com isso preferem seguir a linha das delicadas, frágeis como são ensinadas a se comportar.

Por sua característica basicamente relacional, a categoria gênero procura destacar que os perfis de comportamento feminino e masculino definem-se um em função do outro. Esses perfis se constituem, social, cultural, e historicamente num tempo, espaço e cultura determinados. Não se deve esquecer, ainda, que as relações de gênero são um elemento constitutivo das relações sociais baseados nas diferenças hierárquicas que distinguem os sexos (MATOS, 1997, P. 97).

A Influência do gênero dita os papéis de comportamento dessas relações de acordo com a sociedade numa perspectiva cultural, por tanto cabe à educação física minimizar esses perfis enraizado nos seus alunos. Perguntamos para eles se as aulas de educação física seriam melhores se separasse uma aula para meninas e outra só para os meninos o que eles achavam, todos concordaram que seria melhor separa, porém só na aula de educação física, em sala e melhor todos juntos.

Assim, uma das meninas responde o seguinte sobre ter aula separada dos meninos. “É melhor sem meninos. Porque a bola vai ser toda hora nossa e eles não vão ficar atrapalhando a aula eles são muito chatos, ai depois eles ficam falando que estão namorando meninas com meninos e eles ficam olhando a gente toda hora” (MILLA).

Este desejo não apenas das meninas, alguns meninos também demonstram certa insatisfação ao terem que participarem das aulas de educação física junto com as meninas, pois segundo eles quando elas estão participando tem muita confusão,

Seria melhor porque não daria tanta confusão, porque quando a gente quer brincar de uma coisa e elas querem outra e elas não aceita ai a professora aceita o que elas querem e separado a gente pode brincar do que quiser na sala a separação não seria bom, porque ia ficar pouco menino e menina. (NEYMAR E MESSI).

Durante o desenrolar dessa entrevista perguntamos para eles quais brincadeiras vocês mais gostam tanto em casa quanto na rua? Com o unânime de respostas as brincadeiras que as meninas mais brincam é casinha, boneca, pula corda, pega-pega, pular elástico, queimada entre outras e para os meninos jogar bola, brincar de carinhos, soltar pipa, basquete, vôlei, queimada entre outros.

E quando eles associaram os brinquedos reconhecendo uma diferença biológica já fazem uma ligação ao sexo para cada brincadeira e/ou brinquedo e com isso percebemos que na cabeça dessas crianças uma determinada coisa se encaixa naquele padrão criado pela sociedade, onde determina o que os tipos de

brincadeiras direcionados pelos sexos, fazendo assim sentidos opostos de brincadeiras e brinquedos para meninos e meninas influenciados pela cultura da sociedade.

Para compreendermos melhor esta relação entre meninas e meninos procuramos saber por parte deles qual o entendimento em ser menino e menina. Uma das alunas relata o seguinte. “Pra mim ser menina é ótimo, porque eu sou menina e acho ótimo quando minha mãe me pede para fazer alguma coisa tipo: arrumar a casa, lavar vasilha, limpar banheiro, e outras coisas” (ALINE BARROS).

Segundo outra aluna reforçando a citada acima ela disse que já tem uma preocupação maior em relação ao seu futuro, pois tem algumas orientações por parte de sua mãe sobre como se comportar. De acordo com ela o seu entendimento de ser menina é “[...] ser muito legal, minha mãe me manda arrumar a casa, e legal pra mim já saber arrumar a casa. Porque minha mãe quer me preparar logo para quando eu crescer e já saber fazer as coisas” (MILLI).

Com essas duas respostas percebemos que as meninas já estão se adiantando para o futuro com preocupações e deveres domésticos, em vez de se preocuparem em brincar e estudar. E para os meninos, ser menino é viver o hoje eles não souberam responder com precisão, porém para eles ser meninos é ser legal, gostar de brincar, jogar futebol, basquete vôlei e curtir a vida e ser educado (NEYMAR; MESSI). Com isso podemos perceber um adiantamento da infância do ser menina e do ser menino. Queríamos saber se para eles existem cor de menina ou de menino? Todos responderão que ‘não’! Porém uma das respostas nos chamou atenção, onde uma das meninas comentou um fato ocorrido na casa dela, sobre existir ou não cor para meninos e outra para menina, segundo Aline Barros temos o seguinte.

Minha avó e minha mãe têm quatro máquinas de costura aí quando precisa fazer alguma roupa ela faz pra mim. Minha mãe fez uma camisa para o meu irmão menor, e minha vó falou bem assim que rosa é cor de menina e agora meu irmão está com isso na cabeça e não quer mais usar a camisa. Mais eu falei com ele que não tem cor de menino nem cor de menina porque eu tenho camisa azul e quando vou pintar algum desenho eu gosto de pintar de preto, azul, roxo e rosa (ALINE BARROS).

Com esse relato fica mais que claro a Influência da fala da avó no comportamento do neto, ou seja, os pais e responsáveis também podem contribuir de maneira significativa sobre esta questão de gênero entre seus filhos. Pois desde cedo estamos acostumado a diferenciar o sexo do bebê pela a cor da roupa, as

decorações dos quartos e os brinquedos também vão nessa mesma linha, onde os meninos ganham sua primeira bola e as meninas a boneca. Aqui não queremos relacionar o certo do errado, porém surgiu essa discussão a respeito de cor e brinquedos dos meninos (as) que não poderia ser ignorado. Estamos com o intuito de realizar apenas uma analogia do padrão de crescimento das crianças com seus brinquedos.

No decorrer de suas vivências, meninos e meninas associam esquemas classificatórios que compõem o processo de construção de suas representações. Nesse sentido, desde o nascimento, as crianças se deparam com um mundo estruturado pelas representações, e são estas que elas desenvolverão. Confirmar a identidade significa dizer “o que somos” e “o que não somos”, sempre manifestando distinções. Os depoimentos sobre identidade e diferença demonstram quem está incluído e quem está excluído, quem pertence e quem não pertence, marcando fronteiras e declarando relações de poder (SOUZA, 2008, p.154).

Então para uma criança que vê a cor azul a todo o momento de sua infância pode acabar achando estranho em certo momento de sua vida ter que vestir ou usar qualquer outra coisa que tenha uma cor diferente daquela que ele está acostumado e fuja do que lhe foi interiorizado e isso vale também para as meninas.

Dessa maneira é importante que tanto a escola como os responsáveis estejam atentos a estas questões de gênero, para que isso não acabe influenciando no comportamento e escolha das crianças e nem determinando o que elas podem ou não fazerem em sua infância, seja pelo uso de cores, brinquedos, brincadeiras entre outras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta pesquisa, podemos compreender que a temática de gênero vem ganhando espaços para serem cada vez mais discutido nos ambientes escolares, porém, esse assunto é pouco falado nas instituições e, principalmente, nas aulas de educação física. O avanço do currículo escolar promoveu novos significados e vivências múltiplas para seus alunos, inserindo meninos e meninas com aulas mistas e co-educativas. Com esta pesquisa, percebemos que o gênero e sexo ainda hoje são considerados sinônimos para as pessoas apesar de não serem.

Com isso, é pertinente que a escola trate deste assunto e não se torne neutra e nem passiva diante de um tema tão importante e atual, pois através desta discussão a escola vai propor debates com seus alunos juntamente com o corpo docente, para que temas como estes não fiquem esquecidos. Lembrando que é importante a realização de um trabalho conjunto das escolas, juntamente com os alunos e professores, direcionando mecanismos para proporcionar o conhecimento e com isso vencer os preconceitos existentes em nossa sociedade, problematizando essa temática com seus alunos para que eles possam se tornar cidadãos menos intolerantes e que saibam compreender e respeitar as diferenças dos outros através de um planejamento adequado, pois a escola é um ambiente que deve promover, além do respeito, à diferença e a diversidade cultural entre todos.

Desde antigamente as mulheres vieram batalhando para se colocar na sociedade em relação aos homens, e essa luta feminina acarretou na equidade entre as oportunidades sociais. Não podemos deixar que nos pátios escolares essa desigualdade volte a acontecer, principalmente nas relações construídas entre meninas e meninos, pois foi notável perceber que durante tais observações realizadas, que os corpos estão sendo cada vez mais desbravado pela sociedade impulsionando padrões e conduta a serem seguidos.

Respondendo aos nossos objetivos e indagações, concluímos com esta pesquisa que as questões de gênero não são trabalhadas na instituição escolar pesquisada e nem nas aulas de educação física, pois com a presença do professor, os alunos apenas realizavam aulas mistas, mas sem interação coletiva, e quando o professor se ausentou, as aulas foram completamente segregadas pelos próprios alunos. Compreendemos também que as crianças já fazem uma relação de papéis existente

em nossa sociedade e normas de padrões a serem seguidas, e isso reflete diretamente nas aulas de educação física, pois é neste momento que os alunos estão libertos das tensões da sala de aula e do cotidiano escolar.

Sobre as compreensões de gênero que as crianças possuem, percebemos que se trata de algo que já está enraizado na cabeça deles, onde brincadeiras de meninos são só para eles e brincadeiras de meninas são só para elas, como por exemplo, o futebol que é realizado apenas pelos meninos, pois as meninas não sabem jogar com precisão igual a eles. Percebemos que na perspectiva das crianças, o ser menina e o ser menino estão em destinos opostos, pois através das observações chegamos a conclusão de que, as meninas já tem uma responsabilidade maior como deveres domésticos. Já os meninos nesta mesma idade, entre oito a dez anos não possuem essa carga de responsabilidade se comparado com as meninas. Outro ponto importante a ser relatado é que a interação dos sexos só acontecia por motivo de brigas nas aulas, ou seja, em algumas discussões pela atividade a ser praticada por eles.

Sobre a postura da escola e sua equipe pedagógica, é possível concluir que pelo menos no período em que estivemos em campo, a mesma não se atentou em questionar e nem debater as questões de gênero no ambiente escolar, reforçando assim este afastamento entre o tema aqui abordado e os seus alunos, o que poderá tornar uma sociedade cada vez mais ignorante e sem conhecimentos acerca da diversidade cultural.

Fica a missão para os profissionais da área que através de um planejamento ocorra aulas co-educativas para propormos mudanças, e jamais com o intuito de segregar seus alunos para consolidar ainda mais a discriminação e o distanciamento de meninas e meninos e sim permitir com que eles tenham pensamentos críticos através dos conteúdos propostos.

REFERÊNCIAS

ABREU, N.G. Meninos pra cá, meninas pra lá? In: VOTRE, S. J. (org.). **Ensino e avaliação em educação física**. São Paulo: Ibrasa, 1992. Págs. 101-120.

ABREU, J. J. V.; ANDRADE, T. R. **A compreensão do conceito e categoria gênero e sua contribuição para as relações de gênero na escola**. VI Encontro de Educação. Universidade Federal do Piauí. 2010.

ALTMANN, H. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias e homens na educação física**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. 1998. 110 f. Disponível em <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/FAEC-85ZJEJ/1000000292.pdf?sequence=1>> Acesso em: 17/05/2017, às 17:56.

ALTMANN H.; SOUSA, E.S. **Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar**. Cadernos Cedes, ano XIX, nº 48. Agosto/99.

BARBOSA C. de A. **Educação Física Escolar: as representações sociais**. Rio de Janeiro: Shape, 2001.

BARROS, A. J. da S.; LEHFELD, N. A. de S. **Fundamentos de Metodologia científica**. 3º ed. São Paulo: Pearson, 2014.

BETTI, M.; ZULIANE, L. R. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. Disponível em <<http://www.ceap.br/material/MAT25102010170018.pdf>> acesso 27/05/2017, às 16h26min. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** – 2002, ano1, nº 1, pág.73-81. 2002.

BOHNENBERGER, G. W.; HAHN, N.B.; MASLOWSKI, A. Feminismo e Direitos para As Mulheres: Um Olhar Sócio Histórico, Jurídico e Teológico. **Revista São Luis Orione** - v.1 - n. 6 - p. 137-155 - jan./dez. 2012.

BRACHT, V. **A constituição das teorias pedagógicas da educação física**. Páginas 69-88. Cadernos Cedem, ano XIX, nº 48, Agosto/99.

BRASIL. Ministério da educação. **Parâmetros Curriculares – Ensino Médio. 2000. Parte II - Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em: 27/05/2017, às 18:20. 2000.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais (1º a 4º serie)**. Linguagens códigos e suas tecnologias. 1997. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>>. Acessado em 14/09/2016 às 15h50min.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: educação física / Secretaria de Ensino Fundamental**. Brasília, MEC/SEF, 1998 a. Acessado em 15/09/2016 às 16h50min.

_____. **Secretaria de Educação Fundamental.** Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 2001. Acessado em 16/09/2016 às 15h00min.

_____. **Secretaria de educação continuada, alfabetização, diversidade e inclusão.** Diretoria de políticas de educação em direitos humanos e cidadania. Coordenação geral de direitos humanos. Nota técnica nº24/2015-CGDH/DPEDHUC/SECADI/MEC. Disponível em <<http://www.spm.gov.br/assuntos/conselho/nota-tecnica-no-24-conceito-genero-no-pne-mec.pdf>>. Acesso em 10/05/2017, as 19h02min.

CARMO, M. do. **Coeducação física e esporte:** quando a diferença é mito. Ed: Unijui. Ijuí- RS, 1999.

CHAGAS, C. dos S.; GARCIA, J. D. de A. Educação Física no Brasil: apontamentos sobre as tendências constituídas até a década de 80. EFDportes.com. **Revista digital Buenos Aires.** Año 15, nº 154, Marzo de 2011. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd154/educacao-fisica-no-brasil-tendencias-constituídas.htm>> Acessado dia 25/10/2016, às 14h20min.

CORRÊA, I. L. S. Co-educação na iniciação esportiva: o sexismo em questão. **Anais do 2º Congresso Sul brasileiro de Ciências do Esporte.** Criciúma: CBCE/UNESC, 2004.

CORSINO, L. N. **Educação física escolar e as relações raciais e de gênero:** uma relação possível. 12 fls. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas – SP. Junqueira&Marin editores, 2012.

COSTA, D. A. T. **As aulas mistas de educação física escolar na visão do corpo discente e docente das escolas de ensino médio da cidade de Florestal/MG.** 2013. Trabalho de Monografia apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Curso de Licenciatura em Educação Física, para obtenção do título de Licenciado. Florestal-MG, 2013.

COSTA, M. R. F.; SILVA. R. G. da. A educação física e a co-educacao: igualdade ou diferença? **Rev. Bras. Cienc. Esporte.** Campinas, v. 23, nº 2, p. 43-54, jan. 2002.

CRESWELL, J.W. **Projeto de pesquisa:** métodos qualitativos, quantitativos e mistos. 3ª ed. Ed: Artmed, 2010.

CRUZ, M. M. S.; PALMEIRA, F. C. C. Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar. Disponível em <<http://lct-ead.nutes.ufrj.br/constructore/objetos/Texto%20do%20m%3dulo%20G%eanero%20no%20ambiente%20escolar.pdf>>. Acesso 24/05/17, às 20h20min. **Revista Motriz.** Rio Claro, vol. 15, nº.1 págs.116-131, jan./mar. 2009.

DEVIDE. F. P.; JESUS, M.L.de. Educação física escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes. **Revista movimento,** Porto Alegre, v.12, n. 03, págs. 123-140, setembro/dezembro de 2006.

DORNELLES, P. G. A separação de meninos e meninas na Educação Física escolar: marcas de gênero. In: XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte. 2009. Salvador- BA. **Anais do XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte**. Salvador: BA, 2009, p. 01-13. Disponível em <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2009/XVI/paper/view/349/539>>. Acesso em: 10/05/2017 às, 18h26min.

DUARTE, C. P.; OLIVEIRA, F. F. Discurso dos professores e professoras de educação física sobre o relacionamento de meninos e meninas. In: **Simpósio Temático Gênero e sexualidade nas práticas escolares**. Florianópolis, 2006.

DUARTE, C. P.; MOURÃO, L. Representações de adolescente femininas sobre o critério de seleção utilizado para participação em aulas mistas de educação física. In: **Revista de educação física Movimento**. Vol. 13, nº 1, págs. 37-56. Jan/abr. 2007. Disponível em <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2924>>. Acesso em 24/05/2017, as 15:00.

DUMONT, L. Uma Variante Nacional. O Povo e a Nação em Herder e Fichte. In DUMONT, L. (org.) **O Individualismo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

FERNANDES, V. A. **Possibilidades e limites de intervenção do professor para a superação do sexismo na escola**. 2011.38 fls. Trabalho de Conclusão de Curso- Instituto Federal do Sul de Minas- campus Muzambinho, Muzambinho, 2011.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1991.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOELLNER, S.V. **O método francês e militarização da educação física na escola brasileira**. 1992, págs., 122- 143. Dissertação de Mestrado (Educação Física). Universidade Federal do rio Grande do Sul. 01/04/1992.

GOELLNER, S. V. Gênero. In: GONZÁLEZ, J. M.; FENSTERSEIFER, P. E. (org). **Dicionário crítico de educação física**. Ijuí: Unijuí, 2005. Págs. 207-209.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. Gênero. In: **Dicionário crítico de educação física**. 2ª ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008, pag. 207- 209.

GUIDONI, F. **As relações sociais de gênero nas aulas de educação física numa escola da rede pública de Vitória**. 2004. 39 fls. Monografia do curso de Licenciatura em Educação Física, Faculdade Católica Salesiana de Vitoria, Vitoria, 2004.

JÚNIOR, O. M. de S.; DARIDO, S. C. A pratica do futebol feminino no ensino fundamental. Universidade Estadual Paulista. Disponível em:<<http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/08n1/Moreira.pdf>>. Acesso em 23/05/2017, às 21h15min. **Revista motriz**. Jan-abr, 2002, vol. 8, nº 1, págs. 1-9.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógico do esporte**. 7ª ed. Unijui. Ijuí- RS, 2009.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia científica**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2011.

_____. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª edição. São Paulo: Atlas, 2003.

LOURO, G. L. **Uma leitura da história da educação sob a perspectiva de gênero**. Teoria e Educação, n° 6. Porto Alegre, 1992, pag. 53-67.

_____. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

_____. **O corpo educado**: Pedagogias da sexualidade. 3ª ed. Belo Horizonte: Autentica, 2010.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing**: uma orientação aplicada. 4ª. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

MARINHO, I. P. **Sistemas e métodos de educação física**. Rio de Janeiro. 1958.

MATOS, M. I. S. de. **Outras histórias: as mulheres e estudos dos gêneros – percursos e possibilidades**. In: SAMARA, Eni de Mesquita. (org.) et alli. **Gênero em Debate: trajetória e perspectiva da historiografia contemporânea**. São Paulo: EDUC, 1997.p. 83-114.

MEYER, D. E.; SOARES, R. de F. R. **Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão**. In: MEYER, D. E.; SOARES, R. de F. R. (org.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004. Págs. 5-16.

MONTEIRO, T. L.; GARANHANI, M. C. **Pesquisa com crianças**: o movimento do corpo infantil na pedagogia de projetos. X Congresso Nacional de educação- EDUCERE. I Seminário internacional de representações sociais, subjetividade e educação- SIRSSE. Págs. 16542- 16551. Pontifícia universidade católica do Paraná. Curitiba, 7 a 10 de 2011.

MORAES, L. L. **Gênero, Sexo**: construção na Educação Física Escolar. Monografia apresentada como critério para a conclusão da Disciplina Seminário de TCC II do curso de Licenciatura em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Estado de Minas Gerais. 23fls, 2011. Belo horizonte.

MORENO, M. **Como se ensina a ser menina**: o sexismo na escola. São Paulo: Moderna: Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999.

OLIVEIRA, M.; FREITAS, H. M.R. Focus Group – pesquisa qualitativa: resgatando a teoria, instrumentalizando o seu planejamento. **Revista de Administração**, São Paulo. V. 33, n. 3, p.83-91, julho/setembro, 1998.

OLIVEIRA, A. A. R. de.; et al. **O processo de construção dos grupos focais na pesquisa qualitativa e suas exigências metodológicas**. XXXI Encontro da ANPAD. Rio de Janeiro. RJ- 22 a 26 de Setembro de 2007. 15 págs. 2007.

PAPALIA, D.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 12ª ed. São Paulo: Amgh, 2013.

PEREIRA, A. **Currículo, Educação Física e diversidade de gênero**. 2009. 198f. Dissertação (Mestrado em Educação: Currículo) - Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

PEROZIM, L. Título do artigo. **Revista Nova Escola**. Ano 10, nº.109, Maio, 2006, p. 48-61.

RESSEL. L. B, et al. **O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa**. The use of the focus group in qualitative researching. El uso del grupo focal en la investigación cualitativa. Relato de experiência. Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2008 Out-Dez; 17(4): 779-86.

RIBEIRO, C. G. **Corpo, gênero e sexualidade na educação física escolar**. Uma cartografia das práticas discursivas em escolas do Paraná. 2012. 173 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná. 2012 Curitiba-Paraná.

RICHARDSON, R. J. et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1985.

ROCHA, S. da S. **Efeitos dos Jogos Cooperativos nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. 2013. 43 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciada em Educação Física) – Curso de Educação Física da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí, Santa Rosa-RS, 2013.

ROMERO, E. A Educação Física a Serviço da Ideologia Sexista. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. V. 15, n. 3, jan., 1994.

SARAIVA, M. C. **Co-educacao física e esportes: quando a diferença é mito**. Ijuí: Ed. Unijui. 1999.

SANTOS, G. M. dos. **Discursos sobre gênero na proposta curricular do município de João Pessoa-PB**. 2015, 121fls. Dissertação exigida como requisito final à obtenção do título de Mestre em educação pelo Programa de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2015. Rio de Janeiro.

SAMPIERI, R. H.; et al. **Metodología de la invetigación**. 3ª ed. México: McGraw Hill, 2003.

SCOTT, J. W. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, vol. 20, n°. 2, Porto Alegre, jul./dez. 1995, p 71-99.

SENA, C.P. **A inserção pedagógica da educação física no ensino fundamental**: desafios para a implantação dos programas de ensino no ensino fundamental I. Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de Licenciatura em Educação Física do Programa UAB da Universidade de Brasília – Polo de Piritiba – BA, 2015.

SOARES, C.L. et al. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 2006.

SOUZA, F. C. de. **Gênero e Infância**: a noção de alteridade nas representações sociais de meninos e meninas. Educação e Linguagem. Ano 11. Nº 18, pags. 149-169. jul/dez 2008. Disponível em: < <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/viewFile/112/122>>. Acesso em: 28 maio 2017.

SOUSA, V. A. A Trajetória do Movimento Feminista na Paraíba. In: GENTLE, I. M.; ZENAIDE, M. de N. T.; GUIMARÃES, V. M. G. (org.). **Gênero, diversidade sexual e educação**: conceituação e práticas de direito e políticas públicas. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008. P. 139-156.

SOUSA, F. S.; MOURA, M. A. G. **Uma discussão acerca da questão de gênero e o serviço social**. VI jornada internacional de políticas públicas. O desenvolvimento da crise capitalista e a atualizacao das lutas contra a exploracao, a dominacao e a humilhacao. Disponível em < <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2013/JornadaEixo2013/anais-eixo7-questoesdegeneroetniaegeracao/pdf/umadiscussaoacercadaquestaodegeneroeoser vicosocial.pdf>>. Acesso em 31/05/17, as 15:20. 20 A 23 de Agosto de 2013. São Luis/Maranhão.

TANI, G. **Educação física escolar**: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: EPU, 1988.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2004.

VIANNA, Cláudia. Educação e gênero: parceria necessária par a qualidade do ensino. In: SÃO PAULO (cidade). Coordenadoria Especial da Mulher. **Gênero e Educação**: Caderno para professores. São Paulo, Secretaria Municipal de Educação, 2003. P.45-52.

APENDICE – A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Idade: _____ anos. R.G.: _____ Eu, _____
 _____, abaixo assinado, declaro ter pleno conhecimento do que se segue: 1) Fui informado, de forma clara e objetiva, que a acadêmica Nayara Ferreira Schiavon está realizando uma pesquisa acerca de como as questões de gênero são discutidas na educação física escolar nas series iniciais do ensino fundamental; 2) Sei que, nesta pesquisa, serão realizadas observações e entrevistas; 3) Estou ciente que, caso me sinta constrangido (a) antes e durante a realização da entrevista, não é obrigatória a minha participação nesta pesquisa; 4) Poderei saber, por meio desta pesquisa, como foram “tratados” os dados que dizem respeito à minha pessoa; 5) Sei que os pesquisadores manterão em caráter confidencial todas as respostas que comprometam a minha privacidade e identidade; 6) Caso queira, poderei receber informações atualizadas durante o estudo, ainda que isso possa afetar a minha vontade em continuar dele participando; 7) Estas informações poderão ser obtidas por contato com os pesquisadores **Prof.^a Ms. Maria Celeste Rocha** (via telefone (27) 3376-7263 ou por correio eletrônico **mrocha@catolica-es.edu.br** e **Nayara Ferreira Schiavon** (via telefone: (27) 99728-0549 ou por correio eletrônico: **nayaraschiavon19@gmail.com**); 8) Foi-me esclarecido que o resultado da pesquisa somente será divulgado (por meio de publicações em artigos e trabalhos acadêmicos) com o objetivo científico, mantendo-se a minha identidade em sigilo; 9) Quaisquer outras informações adicionais que julgar importantes para a compreensão do desenvolvimento da pesquisa e de minha participação poderão ser obtidas com o referido pesquisador; 10) Autorizo que as informações obtidas ao longo da referida pesquisa venham a ser publicadas em artigos acadêmico-científicos, bem como apresentadas em eventos da mesma natureza, desde que observados os critérios que não comprometam de forma alguma minha privacidade e identidade.

Declaro, ainda, que recebi cópia do presente Termo de Consentimento.

Vitória-ES, _____ de _____ de, 2017.

Pesquisador: _____

Sujeito da Pesquisa: _____

Testemunhas: 1. _____
 2. _____

APÊNDICE B – ROTEIRO DE PERGUNTAS GRUPO FOCAL

Este roteiro de perguntas foi direcionado ao grupo focal, como objetivo principal coletar dados para a conclusão dessa pesquisa.

Nome: _____

Sexo: () masculino () feminino - Idade: _____

01-O que vocês acham das aulas de educação física?

02- Existem brincadeiras só de meninas ou de meninos? Quais?

03-O que vocês acham das aulas de educação física mista meninos e meninas?

04-Se as aulas de educação física fossem separada para meninos e meninas seriam melhores por quê?

05-Quais brincadeiras vocês mais gostam?

06-Quais brincadeiras que você brinca na escola?

07- O que é ser menino? Por quê?

08-O que é ser menina? Por quê?

10-Existe cor de menina ou de menino? Quais? Por quê?

APÊNDICE C – ROTEIRO DE PERGUNTAS DA ENTREVISTA

Esta entrevista foi direcionada para o professor de educação física e a pedagoga da instituição.

01-Questões como gênero são trabalhadas nas aulas de educação física? Se sim como?

02- Na sua opinião a educação física contribui para a construção social das diferenças sexuais? Por quê?

03 - Você encontra alguma dificuldade de trabalhar aulas mistas?

04 - Qual seu entendimento sobre aulas mistas e coeducativas?

05 - Você observa se existe alguma relação de gênero nas aulas de educação física?

06 - No seu ponto de vista a sociedade atrapalha nas aulas de educação física?

07 - Existem algum problema enfrentados em relação a participação de meninas e meninos em determinadas modalidades esportivas? Caso seja quais?

08 - existem habilidades esportivas dos sexos ? Por quê?

09- Sua formação teve capacitação ou preparação sobre gêneros?

10 - Você se sente um profissional preparado para esses novos desafios contemporâneos?

APÊNDICE D – ROTEIRO DE PERGUNTAS DA ENTREVISTA COM A PEDAGOGA

01-Questões como violência de gênero, homofobia, sexismo fazem parte do contexto escolar? Se sim, como e quando acontecem?

02- As questões de gêneros são trabalhadas na escola? Se sim como?